

ANA MARIA ALVES DE OLIVEIRA E PAIVA

FERNANDES E AURÉLIO:

um estudo comparativo de duas obras lexicográficas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Orientador: Professor Doutor Evandro Silva Martins

UFU
UBERLÂNDIA – MG
2005

FERNANDES E AURÉLIO:
um estudo comparativo de duas obras lexicográficas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística (Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada) do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, MG, no dia 05/09/2005, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Lingüística:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Evandro Silva Martins – UFU

Profª.Dra. Waldenice Moreira Cano - UFU

Profª. Dra. Cláudia Maria Xatara-UNESP/São José do Rio Preto

Dedico este trabalho:

À minha família:

à minha mãe Alminda,

ao meu pai Antônio (falecido),

aos meus filhos: Fred,

Fábio

e Vivinha,

ao meu irmão Francisco José,

por me compreenderem e me ajudarem.

O meu Deus lhes pague!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por eu existir e conviver.

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Dr. Evandro Silva Martins, pela sua amizade, seu conforto, sua dedicação, seu apoio, seu saber e pela maneira tranqüila e serena de conduzir-me até este momento.

Ao Professor Dr. Luiz Carlos Costa, pelo gratificante período de incursões no campo lingüístico e pelas memoráveis leituras orientadas da técnica dicionarística.

À Professora Dra. Waldenice Moreira Cano, pela valiosa colaboração no Exame de Qualificação.

Ao Professor Dr. Waldenor de Barros Moraes Filho, pelas atenciosas entrevistas, pelo esmero e zelo na leitura do meu texto.

Aos professores do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, pelos ensinamentos adquiridos durante toda a minha vida acadêmica.

A Professora Dra. Lilia Maria Eloisa Alphonse de Francis, pelo incentivo, pelo apoio e carinho ao término deste trabalho.

A Professora Mestre Ana Lúcia Nardi Arruda, pelas orientações, pelo dinamismo e pela amizade.

Às funcionárias do Programa de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, Eneida Aparecida Lima Assis e Maria Solene do Prado, pela carinhosa acolhida.

À Professora Dra. Regina Zilbermann, da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, RS, pelo carinho e zelo, possibilitando-me o acesso ao acervo de Francisco Fernandes.

Ao Senhor José Fernandes (filho de Francisco Fernandes) e Dona Djanira pelas horas agradáveis de convívio, pelas histórias e pelos documentos que a mim foram ofertados.

À Professora Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, da Universidade Estadual Paulista de Araraquara, SP, pela compreensão e agilização do meu trabalho.

À Professora Dra. Maria José Bocorny Finatto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de Porto Alegre, RS, pela presteza e atenção através de ligações telefônicas às minhas inquietações lexicográficas.

Ao Dr. Walmir Badalotti, de Erechim, RS, pelo entusiasmo, estímulo e presença nas etapas decisivas deste trabalho.

A todos os parentes, maravilhosos amigos e colegas que, de uma forma ou de outra, colaboraram comigo neste grande empreendimento.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
ABREVIATURAS.....	12
CAPÍTULO 1.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. Considerações gerais.....	14
1.2. Justificativa.....	18
1.3. Hipóteses.....	22
1.4. Objetivos.....	23
1.4.1. Objetivo geral.....	23
1.4.2. Objetivos específicos.....	23
1.5. Tema.....	24
1.6. Descrição do <i>corpus</i>	25
1.7. Metodologia.....	26
1.8. Organização do trabalho.....	28
CAPÍTULO 2.....	30
2. VIDA E OBRA DOS LEXICÓGRAFOS: FRANCISCO FERNANDES E AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA.....	31
2.1. Francisco Fernandes, uma vida dedicada ao garimpo do léxico.....	31
2.2. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um lexicógrafo por acaso.....	33
CAPÍTULO 3.....	36
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
3.1. Introdução.....	37

3.2. O dicionário na visão de Dubois.....	37
3.3. Abordagem do dicionário segundo Rey-Debove.....	39
3.4. O <i>todo</i> dicionarístico na concepção de Haensch.....	41
3.5. Considerações a respeito do verbete pela ótica de Biderman.....	43
3.6. A visão de Finatto da macro e microestrutura.....	45
CAPÍTULO 4.....	48
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	49
4.1. Introdução.....	49
4.2. Comentários sobre o Prefácio do Dicionário Brasileiro Contemporâneo.....	50
4.2.1. Considerações sobre o Prefácio do DBC.....	52
4.3. Comentários sobre o Prefácio do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.....	54
4.3.1. Considerações sobre o Prefácio do PDBLP.....	59
4.4. Identidade entre as obras.....	60
4.4.1. Identidade de Definição.....	60
4.4.2. Identidade de Bibliografia.....	62
4.4.3. Identidade de Exemplos.....	62
4.4.4. Identidade de Sinônimos.....	64
4.4.5. Identidade de Não-Definição do Verbetes.....	65
4.5. Semelhanças entre as obras.....	67
4.5.1. Semelhança de Paráfrase.....	67
4.5.2. Semelhança entre a Definição do DBC e o Exemplo do PDBLP.....	70
4.5.3. Semelhança de Definição.....	72
4.5.4. Semelhança de Definição pelo Sentido Contrário ou Oposto.....	73
4.6. Diferença entre as Obras.....	74

4.6.1. Diferença de Definição: Caráter Lingüístico x Caráter Enciclopédico.....	75
4.6.2. Diferença de Definição Quanto aos Exemplos.....	76
4.6.3. Diferença de Definição Quanto à Clareza com Acréscimo de Dados.....	77
4.6.4. Diferença na ordem das acepções.....	78
4.7. Peculiaridades Evidenciadas em Fernandes Comparadas à Ferreira.....	79
I – Registro da Origem e do Étimo da Palavra.....	79
II – Registro Lingüístico.....	83
III – Registro das Linguagens Especiais.....	88
IV – Registro de Brasileirismos.....	96
V – Registro de Grafias Diferentes.....	98
VI – Registro de Palavras no Plural e Plural Irregular.....	98
VII – Registro de Gravuras.....	99
VIII – Registro de Nomes Científicos.....	100
IX – Registro do Recorte no Mundo pelo Léxico da Língua.....	101
X – Registro de Palavra Polissêmica.....	103
XI – Registro de Palavras Homônimas.....	103
CAPÍTULO 5.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
ÍNDICE REMISSIVO - ANEXO.....	113
LISTAGEM DE LEXIAS.....	113

Tudo o que fica pronto na vida foi construído antes na alma. Não importa se os sonhos são grandes ou pequenos, mas que tragam a possibilidade de inventar o futuro.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado procura divulgar o trabalho autodidata do lexicógrafo mineiro, Francisco Fernandes, por meio da macro e microestrutura do seu dicionário de língua – o *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*, de 1953, analisando-o e comparando-o com o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, para mostrar a originalidade, a atualidade, o valor técnico-cultural e prático do dicionário de Fernandes lamentavelmente esquecido. Nesse sentido, a fundamentação teórica foi advinda dos estudiosos do léxico – Dubois (1971), Rey-Debove (1973), Haensch (1982), Finatto (1993) e Biderman (1998), cujos trabalhos representam marcos incomensuráveis para os estudos lexicográficos, possibilitando maior comprometimento, responsabilidade e discernimento a todos aqueles que se debruçam na análise do léxico.

Palavras-chave: dicionário, lexicógrafo, lexema, lexia.

ABSTRACT

The present study seeks to research and chronicle the work of the self-taught lexicographer of Minas Gerais, Francisco Fernandes, through a macro and micro analysis of the structure of his dictionary – *Dicionário Brasileiro Contemporâneo* – (Contemporary Brazilian Dictionary), 1953, comparing it to the *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Brazilian Dictionary of the Portuguese Language) by Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1946. The objective of this research is to show the originality, current, technical, cultural value and relevance of this dictionary that has, over the years, been forgotten. The theoretical foundation of this study was derived from the lexicographers Dubois (1971), Rey-Debove(1973), Haensch (1982), Finatto (1993) and Biderman (1998), which research represented incommensurable benchmarks in this area of research thus creating increased interest, responsibility and perception in this area, for researchers dedicated to lexical analyses.

Key-words: dictionary, lexicographer, lexeme, lexis.

ABREVIATURAS

DBC – Dicionário Brasileiro Contemporâneo

PDBLP – Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

CAPÍTULO 1

1- INTRODUÇÃO

1.1. Considerações Gerais

No mundo fantástico em que vivemos, neste tempo de tudo, assediados por todo o tipo de informação, refletindo, interagindo, evoluindo, vemo-nos envolvidos seja na arte, na ciência, na técnica, na política, na religião, na ideologia ou na economia.

Para conviver nesse mundo, apropriamo-nos da língua, que é “o espelho, reflete essa busca frenética de novidade, evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, logo aceitos” (CARVALHO, 1984). Servimo-nos de vocábulos que expressam ou tentam expressar a nossa maneira de ver e sentir diferentemente a palpitação da vida nos mais diversos setores da existência, nos mais diferentes e distantes lugares do planeta.

Os vocábulos inseridos no mundo dos dicionários constituem uma realidade fascinante para “o investigador dos fenômenos lingüísticos... pois a práxis lexicográfica reflete, entre outras coisas, a concepção e o grau de consciência que as sociedades têm acerca de um patrimônio valioso que delinea a sua própria identidade cultural: a língua” (FINATTO, 1993, p. 1).

Essas obras valorosas – os dicionários – se constituem em alicerces que norteiam a vida da humanidade de acordo com as sociedades que se fizeram presentes desde os primórdios da civilização, no sentido de descreverem e fixarem os momentos históricos apresentando, de um ou de outro modo, dados e referências sobre suas estruturas sociais. Neles estão inseridos três elementos fundamentais: o mundo das palavras, o mundo das coisas e o mundo dos homens.

Pelo estudo bibliográfico, queremos enfatizar, aqui, COSERIU (1979) que afirmou que “a língua nunca está pronta, há sempre algo a refazer, cada geração, cada situação de fala,

cada fala recria a língua e, por isso, ela está sujeita a alterações nesse processo de recriação” (COSERIU, 1979, p.72). Daí, ela comporta o aparecimento de inovações a todo momento; nunca está estanque, nunca está pronta, pois não se constitui num sistema perfeito – daí, também, a sua heterogeneidade.

A heterogeneidade está presente na língua e em condições de produzir mudanças que podem ser detectadas através de: faixas etárias distintas, regiões, gêneros, classe social, dentre outras.

Percebemos, então, como os dicionários vêm contribuindo por meio dessa “práxis” lexicográfica ao longo de sua tradição para o aprimoramento do ser humano, descrevendo momentos históricos, socorrendo-nos com dados e referências sobre suas estruturas culturais.

Constatamos que os elementos norteadores dos dicionários podem ser encontrados em obras em que “o aspecto lingüístico convive até mesmo com receitas de “medicina caseira”, caso do célebre dicionário de Bluteau que, no interior do verbete cólica, indica a ingestão de cera de ouvido para debelar este mal” (FINATTO, 1993, p. 1).

Com a função primordial, o fazer lexicográfico deve se preocupar com a elucidação e significação das palavras, de maneira tal que o consulente, de posse da informação desejada, obtenha a descrição do léxico em diferentes e possíveis funcionamentos, operando com as unidades lexicais dentro do sistema da língua. Dessa forma,

o dicionário extrai da língua unidades lexicais, apresentando-as de modo que o consulente tenha possibilidade de efetuar a reintegração do elemento ao sistema, uma vez que, ao menos teoricamente, o dicionário deve fornecer as informações acerca do funcionamento da unidade no sistema (FINATTO, 1993, p.2).

Iremos, priorizar em nossa dissertação de mestrado, a observação, a descrição e a comparação dos verbetes do *Dicionário Brasileiro Contemporâneo* de Francisco Fernandes, (1953), 1ª edição, doravante DBC, com o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (1961), reconhecido pela sigla PDBLP, para

verificarmos o perfil dos dicionaristas com relação às unidades lexicais que constituem a macro e a microestrutura de seus dicionários.

Com a comparação esperamos oferecer subsídios de uma forma eficaz que permita trazer ao público interessado nestas questões, informações relevantes para o desenvolvimento de novas investigações.

Dessa forma, esperamos, como resultado desta pesquisa, perceber a acuidade de Francisco Fernandes na construção de seu produto lexicográfico. Isto ocorrerá por meio de uma visão direcionada para a observação, a descrição, a análise e a comparação dessa obra mediante dados apresentados por Ferreira.

Esse procedimento tem como escopo fundamental detectar, via nomenclatura estabelecida pelos lexicógrafos mencionados, o recorte da realidade por eles estabelecida.

Pretendemos apresentar a nomenclatura elencada por nós dos dicionários mencionados e no tocante à exemplificação dos verbetes da obra de Francisco Fernandes quanto da de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira pelo sistema de xerocópias, por ser uma maneira fiel e precisa de exemplificação.

Assim exposto, mantivemos a ortografia e a acentuação empregadas por ambos os lexicógrafos contrariando, dessa forma, as normas que a moderna lexicografia estabelece para a transcrição de verbetes, ou seja, que os verbetes devem ser sempre transcritos conforme a ortografia atualizada da língua.

Concentrar nossa atenção em um *corpus* bem delimitado parece-nos de extrema importância, pois nos possibilita fazer indagações a respeito do objetivo do dicionarista quanto ao perfil do presumível usuário a ser por ele alcançado. Sabemos que o dicionário de língua é o porta-voz de toda uma comunidade lingüística e como tal reveste-se da literatura dessa comunidade, uma vez que ele é a expressão maior de uma cultura compartilhada.

O dicionário de língua atesta, também, a existência de uma língua nacional utilizada em todas as formas sociais de comunicação, inserido no desenvolvimento do ensino que abrange uma comunidade inteira, não sendo apenas privilégio de alguns. Por conseguinte, todos os membros de uma comunidade podem ter acesso ao dicionário.

Assim, embasados na estruturação do dicionário de língua e apoiados nos estudiosos da Lexicologia e da Lexicografia, pretendemos mostrar a visão implícita na macro e microestrutura do DBC de Francisco Fernandes, cuja nomenclatura deverá ser analisada, comparada e revelar o perfil do dicionarista mencionado.

Enfim, constitui também um desiderato nosso, após analisarmos acuradamente o DBC de Francisco Fernandes, destacar a importância dessa obra para a cultura brasileira e o valor desse dicionarista autodidata nos quadros da Lexicografia nacional.

1.2. Justificativa

Sabemos que os estudos lexicográficos brasileiros acontecem e poucos centros universitários estão empenhados na construção da práxis lexicográfica por meio de pesquisas, trabalhos e produções sobre o assunto.

Conquanto o fazer lexicográfico exista de longa data no mundo, no Brasil a história lexicográfica é bastante recente. Abonando nossa assertiva, Finatto (1993) afirma que “os primeiros dicionários brasileiros de língua nasceram em Portugal pelas mãos de um brasileiro perseguido pela Inquisição” (FINATTO, 1993, p. 29).

Os grandes nomes de dicionaristas que empreitaram esta tarefa se permitiram buscar uns aos outros. Um excelente exemplo com o *Dicionário de Moraes*, de 1813. O lexicógrafo pátrio foi buscar no Vocabulário do Padre Bluteau sua grande inspiração; este possivelmente serviu como ponto de referência histórica para leitura de todos os dicionários que se sucederam após essa data.

Esclarecemos que alguns dicionaristas, mesmo sob o risco de penalidades, publicaram suas obras antes mesmo da vinda da família real para o Brasil, o que de certa forma era proibido pela Coroa Portuguesa e que à época, mesmo as agremiações literárias ou “academias” de qualquer espécie eram severamente reprimidas pela Coroa.

Podemos ilustrar tal fato com o ocorrido com Manoel Henriques de Paiva. Sendo vítima de degredo para a Colônia por motivos políticos, veio para o Brasil e passou a ser o médico pessoal do Vice-Rei, o Marquês de Lavradio. Pelos serviços prestados, teve suas atividades intelectuais e editoriais “salvaguardadas” da Corte Portuguesa e em 1808 suas publicações foram legalizadas com a Vinda da Família Real para o Brasil. Faz-se necessário acrescentar aos estudos feitos por nós de um trabalho extremamente interessante e profícuo que traz o título: *Dicionário, Parentes e Aderentes*, de Átila Almeida, de 1988.

O catálogo de Átila Almeida é considerado a maior obra produzida em amplitude cronológica possível de publicações, fornecendo referências bibliográficas e alguns comentários sobre a formatação e edições de obras, pois trata-se de um estudo bastante interessante para aqueles que procuram publicações catalográficas brasileiras sobre dicionários e obras afins.

Com relação a essas observações, e parafraseando Biderman sabemos que o dicionário é um objeto de grande valor e de consumo obrigatório para todos os povos civilizados e desenvolvidos. Por conseguinte, espera-se que os consulentes utilizem dessa obra para orientação sobre os significados e os usos das palavras expressando de maneira clara, lógica, convincente suas idéias, sentimentos, anseios com a maior precisão e desenvoltura possíveis, apropriando-se do tesouro léxico que a língua põe a disposição dos seus usuários. Dessa maneira, o tesouro vocabular se enquadra dentro de um momento histórico da evolução da língua e dentro de uma norma cultural.

Essa norma cultural é claramente expressa por Dubois (1971) que assim a define:

Essa norma não é definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas também por aquela dos enunciados engendrados pelo modelo sociocultural. Os termos remetem apenas às palavras da língua; eles não são somente objetos da metalíngua lingüística; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão de mundo. (...) o dicionário visa tornar-se uma norma explícita da cultura da comunidade. A sanção lexicográfica se identifica à sanção pedagógica: aquele que emprega termos não contidos no “tesouro” comum se exclui da comunidade nacional. (DUBOIS, 1971, p. 99-100).¹

O lexicógrafo, no poder que lhe compete, descreve na sua obra a língua e a cultura.

Ele nos remete, ora às unidades lexicais, ora a um elemento da cultura. Não dá para dissociar ou salientar um do outro. A tarefa lexicográfica tem na entrada a sua pedra de toque, nem

1- Nossa tradução, para o Português, do original: “*Cette norme n’est pas seulement définie par l’acceptabilité de tous les termes et de toutes les phrases contenus dans le dictionnaire, mais aussi par celle des propositions engendrées par le modèle socio-culturel. Les termes ne renvoient pas seulement aux mots de la langue; ils ne sont pas seulement des objets de la métalangue linguistique; ils renvoient aussi à des énoncés culturels, à une vision du monde. (...) le dictionnaire vise à se constituer comme une norme explicite de la culture de la communauté linguistique. La sanction lexicographique s’identifie à la sanction pédagogique: celui qui emploie des termes non contenus dans le “trésor” commun s’exclut de la communauté nationale.*”(DUBOIS, 1971, p. 99-100).

sempre executada adequadamente. É na entrada que se concentra o seu eixo básico – a definição da palavra em epígrafe que nada mais é que uma perífrase metalingüística da palavra posta como entrada, pois o consulente, ávido da economia de tempo, procura no dicionário o suporte eficaz que possa em alguns instantes, fornecer pistas satisfatórias a fim de dirimir as suas dúvidas.

Biderman (1984) foi muito feliz em nos explicitar as qualidades e virtudes necessárias ao lexicógrafo para a feitura do dicionário:

Concentram-se, pois, no lexicógrafo, qualidades e virtudes necessárias para que possa conhecer muito bem sua língua materna e ter dela o contato de seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso do idioma de longa tradição cultural como é o caso do português... e que vai executar uma tarefa científica e cultural que se assemelha muito aos monges da Idade Média os quais se aplicavam dedicada e apaixonadamente a cópia de manuscritos e/ ou traduções de textos clássicos e científicos de outras línguas, ritualmente, dia após dia, durante toda a sua vida. O dicionário precisa ser como esse monge (BIDERMAN, 1984, p. 29).

Essa renomada lexicógrafa brasileira complementa suas observações esclarecendo que “...para essa atividade quase monástica, exige-se do dicionarista uma certa competência um saber fazer prático (classificação alfabética das palavras, reagrupamento dos sentidos, etc.) “exigindo” ao mesmo tempo, um saber teórico (definição) das unidades lexicais, tipologia das definições, etc” (BIDERMAN, 1992, p. 153).

Recorremos, também, aos consagrados estudiosos franceses Jean e Claude Dubois que nos brindaram com as seguintes considerações,

...o dicionário considerado sob vários pontos de vista diferentes, o que implica diversas maneiras de encarar a lexicografia: - o dicionário pode ser visto como uma prática; a lexicografia como a confecção dos dicionários, é, então, uma atividade dirigida para a produção do objeto – dicionário, definido por necessidades, utilizações e normas de fabricação. Sob essa ótica a lexicografia se definiria dentro de um processo geral de fabricação, fazendo parte da indústria do livro. Sua principal finalidade seria a realização de um produto: o dicionário. Esse, o dicionário, pode ser visto como um discurso, um texto. A lexicografia é, assim, uma atividade voltada para a produção do dicionário enquanto obra, definida por

regras de retórica, o conteúdo das mensagens e o tipo de comunicação entre o autor e os leitores (DUBOIS, J e CL, 1971, p. 9).²

Assim, percebemos que o dicionário pode ser interpretado como espelho de uma comunidade lingüística em um certo momento. Dentro desse contexto, verificamos que os discursos lexicográficos são simultaneamente registro de palavras e objetos de estudo da Lexicografia enquanto investigação lingüística fundamental.

Ao lado da Lexicografia como ciência aplicada e/ ou tecnologia (a do fazer lexicográfico), temos a Lexicografia como pesquisa básica. Neste aspecto, Barbosa faz o acréscimo de mais um nível, o da metalexigrafia, que “ correspondente (ao nível) da análise e descrição lexicográfica” (BARBOSA, M.A, 1992, p. 154). Nessa afirmativa, a lexicóloga paulista enfatiza o caráter científico da lexicografia.

Por tudo isto, por meio da presente pesquisa, move-nos a convicção de oportunizar a todos os interessados nessa área saber reconhecer um adequado discurso lexicográfico.

2- Nossa tradução, para o português, do original: *Ainsi le dictionnaire peut être considéré de plusieurs points de vue. Ou bien on le considère comme une praxis la lexicographie ou confection des dictionnaires, est alors une activité tournée vers la production d'objets manufactures, définis par des besoins (une destination) et des utilisations (ce pourquoi ils sont faits), par les normes de fabrication (les règles qui président à leur production), par les conditions commerciales de leur vente, le pouvoir d'achat des utilisateurs et le prix de revient de l'ouvrage (le "cout" des réponses aux questions que les lecteurs sont susceptibles de poser, c'est-à-dire le prix de vente du dictionnaire). Ou bien on considère le dictionnaire comme un discours, un texte. La lexicographie est alors une activité tournée vers la production de ce texte que définissent des règles de rhétorique, le contenu des messages et le type de communication que le dictionnaire implique entre l' "auteur" et les "lecteurs". Le dictionnaire est une oeuvre.*

1.3. Hipóteses

Procuraremos verificar a hipótese que nos parece explicar por que o DBC de Francisco Fernandes, impresso em 1953, ficou na quase total obscuridade, e por não dizer, no quase total ostracismo até os dias atuais.

1.4. Objetivos

1.4.1. Geral

Mediante o estudo comparativo entre o DBC de Francisco Fernandes e o PDBLP de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, tentaremos mostrar, por meio da nomenclatura selecionada e escolhida de ambos os dicionaristas, a acuidade de Francisco Fernandes no tratamento dos verbetes, sobretudo, a classe dos nomes.

1.4.2. Específicos:

- Realizar a análise crítico-comparativa entre a macro e microestrutura do Dicionário Brasileiro Contemporâneo de Francisco Fernandes (1953) e a macro e microestrutura presente no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para mostrar a originalidade, a atualidade, o valor técnico-cultural e prático do Dicionário Brasileiro Contemporâneo, desta obra lexicográfica, lamentavelmente esquecida.
- Fazer um levantamento dos lexemas constitutivos dos dicionários mencionados representativos da letra “L”.
- Identificar os lexemas pertinentes aos dicionários pesquisados; por meio das classes gramaticais mais expressivas do universo vocabular.
- Confrontar as nomenclaturas estabelecidas por ambos os dicionaristas.
- Verificar a definição lexicográfica da nomenclatura prestigiada.
- Estabelecer a análise comparativa
- Concluir as observações efetuadas.

1.5. Tema

FERNANDES E AURÉLIO: um estudo comparativo de duas obras lexicográficas.

1.6. Descrição do *Corpus*

Selecionamos para o *corpus* do nosso trabalho as unidades lexicais – substantivos, adjetivos e verbos que compõem a letra “L” da obra de Francisco Fernandes. Num primeiro momento, enfocamos a nossa atividade para um total de 500 lexemas tratados por ambos os dicionaristas e, deste universo, selecionamos 100 verbetes em cuja pesquisa nos centramos, oportunizando, dessa forma, o confronto e a análise das nomenclaturas pertinentes a Francisco Fernandes no DBC e a Aurélio Buarque de Holanda Ferreira no PDBLP.

1.7. Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se, metodologicamente, como um estudo compilativo, por abranger abordagens de diferentes lexicólogos e lexicógrafos que se debruçam no entendimento e análise do léxico. Caracteriza-se, ainda, como uma pesquisa de caráter descritivo em que procuramos investigar, estudar, descrever, comparar tendências e diferenças, identificar deficiências, buscar generalizações teóricas e práticas que possam contribuir no aprimoramento intelectual dos consulentes que buscam no dicionário a solução de seus problemas.

Para tanto, escolhemos a letra “L” para exercitar a nossa investigação, fundamentados nas obras de referência dos estudiosos do assunto em questão. Pretendemos tornar conhecidos os estudos que fizemos e, sistematizados na atividade comparativa das nomenclaturas elencadas por nós, fazer um confronto com os dois lexicógrafos Fernandes e Ferreira. Esperamos, com o nosso trabalho chegar a deduções e a conclusões que caracterizem o perfil do dicionarista Francisco Fernandes, através da macro e microestrutura do seu dicionário de língua, objetivando a comparação com a macro e microestrutura do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Estabelecemos, então, na primeira etapa, um *corpus* para a pesquisa de 74 lexemas³ substantivais, 18 lexemas adjetivais e 09 lexemas verbais em ambas as obras referendadas. Assim poderemos confrontar a amostragem da nomenclatura e as definições dadas pelos lexicógrafos.

Uma vez realizada a pesquisa e confrontados os lexemas catalogados, numa primeira etapa, procederemos à análise, à luz dos estudiosos por nós sinalizados.

3- lexema é utilizado como unidade do léxico ou morfema léxico, tal como caracteriza B.Pottier (1978, p. 82-85).

Numa segunda etapa, procederemos à comparação estabelecida com o critério de abrangência configurada pelas definições das entradas representativas e descritas correspondentes aos lexemas evidenciados.

Para tanto, enfocamos três aspectos relevantes fundamentados nos estudos de Murakawa (1984), por se constituírem no viés diferenciador do nosso estudo comparativo e identificados pela moderna lexicografia. São eles: Identidade, Semelhança e Diferença entre as obras elencadas que, por sua vez, serão subdivididos em itens pertinentes a cada aspecto.

Procuramos, dessa maneira, confrontar os lexicógrafos em questão, dispondo as entradas com seus respectivos verbetes xerografados e ampliados pelo caráter de fidelidade à fonte requerida, devido à dificuldade de leitura ocasionada pela impressão antiga das obras.

A opção por lexemas substantivais, adjetivais e verbais impõe-se pelo fato de se constituírem em classes gramaticais de maior amplitude, representativas de todo um universo, que circunda a vida dos consulentes.

Centralizamos a nossa pesquisa, então, nos lexemas substantivais e adjetivais.

1.8. Organização do Trabalho

O nosso trabalho dissertativo foi organizado obedecendo aos critérios estruturados por nós e constitui-se de cinco capítulos.

Nesse primeiro capítulo, justificamos e apresentamos as hipóteses, os objetivos, o tema, a descrição do *corpus*, a metodologia e a organização do trabalho.

No capítulo 2, apresentamos os dois lexicógrafos nacionais: Francisco Fernandes, mineiro, autodidata que, pelo trabalho dicionarístico desenvolvido durante a vida inteira, é o foco da nossa pesquisa, e o consagrado filólogo e imortal da Academia Brasileira de Letras, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o filho do Estado de Alagoas.

No capítulo 3, apresentamos a fundamentação teórica, que constitui a pilastra do trabalho alicerçado pelos lingüistas estudiosos da Lexicografia: Jean e Claude Dubois (1971), Josete Rey-Debove (1973), Gunther Haensch (1982), Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (1984), Maria Aparecida Barbosa (1990), Maria José Bocorny Finatto (1993) e Maria Tereza Camargo Biderman (1998).

Desenvolvemos o estudo alicerçado por esses incansáveis batalhadores do léxico, oferecendo a nossa contribuição pelo confronto da macro e microestrutura dos dicionários de língua.

No capítulo 4, procedemos à análise do *corpus* estabelecido pela letra “L”, em ambos os dicionaristas, evidenciando três critérios para comparação da macro e microestrutura das obras citadas.

Num primeiro momento, a nomenclatura prestigiada com seus verbetes foi apresentada mediante cópias xerografadas e organizadas em colunas, evidenciando o universo criativo e seletivo do dicionarista.

Num segundo momento, analisamos os lexemas à luz dos fundamentos teóricos assentados pela moderna lexicografia, oferecendo contribuições para todos aqueles que procuram no léxico da língua a solução de seus problemas.

No capítulo 5, fazemos as considerações finais concentrando toda a nossa atenção nos critérios estruturados ao longo do trabalho.

Posteriormente, apresentamos as referências bibliográficas e índice (listagem dos lexemas analisados).

CAPÍTULO 2

2. VIDA E OBRA DOS LEXICÓGRAFOS: FRANCISCO FERNANDES E AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

2.1. Francisco Fernandes, uma vida dedicada ao garimpo do léxico.

Francisco Fernandes nasceu em Arcos, Minas Gerais, em 6 de agosto de 1900. Fez de tudo um pouco e, trabalhando no Banco Hipotecário, ajudava os colegas no ensino da língua. Foi autodidata em tudo o que pretendia fazer e a sua curiosidade em relação à língua fê-lo um admirador dos bons autores portugueses e brasileiros, notando-se dentre os seus favoritos Camilo Castelo Branco em Portugal e Coelho Neto no Brasil. Apesar da predileção por esses dois autores não desdenhou os seus contemporâneos, já consagrados pela simpatia do povo.

Por volta de 1915, Francisco Fernandes fundou o jornalzinho *O Imparcial*, da cidade de Arcos, Minas Gerais. De 1918 a 1937, foi redator e diretor-gerente do jornal *O Echo*.

Escreveu inúmeras crônicas com o pseudônimo de João Cansado.

Seu principal trabalho, ainda em Minas Gerais, na pequenina cidade de Formiga, foi o *Dicionário de Verbos e Regimes*, no qual trabalhou mais de seis anos ininterruptamente e que, de certa forma, encerra algo de curioso. O autor começou fazendo apontamentos de regência, para seu uso particular, à medida que ia lendo os bons autores. Avolumaram-se de tal maneira esses apontamentos, que alguém lhe sugeriu enfeixá-los em volume e dar-lhes publicidade; coisa que Francisco Fernandes aceitou, entusiasmado. E deu corpo à obra. Surgiu, entretanto, uma dificuldade, não encontrou editor. Seus amigos, então, se cotizaram e lhe forneceram o capital necessário para a 1ª edição (1940), que se esgotou em menos de um ano. Em 1942, o *Dicionário de Verbos e Regimes* mereceu o 1º prêmio “Francisco Alves”, da

Academia Brasileira de Letras. A Editora Globo se interessou pelo livro e, em janeiro daquele ano, deu à estampa à 7ª edição desta obra, hoje famosa no Brasil.

Em 1942, ingressando na Seção de Dicionários e Enciclopédias da Livraria do Globo, Francisco Fernandes planejou e compôs o *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. Além disso, organizou também, o *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*.

Exerceu desde 1946 a função de colaborador na disciplina de Língua Portuguesa no Curso de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.

Em 1953, publicou o *Dicionário Brasileiro Contemporâneo* com a colaboração de F. Marques Guimarães - dicionário de língua – pela Editora Globo de Porto Alegre.

Seu trabalho foi bastante reconhecido em alguns estados brasileiros recebendo cartas, telegramas, artigos de jornal, revistas, inclusive crônica de Carlos Drummond de Andrade. Foi um profundo conhecedor dos clássicos, um dos maiores estudiosos da língua, especializado em pesquisas vocabulares.

Faleceu em 1965, em Porto Alegre.

2.2. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um lexicógrafo por acaso

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, ou mestre Aurélio para os nacionais, ou ainda simplesmente Aurélio Buarque, para os alagoanos, nasceu em 1910, na pequena cidade de Passo de Camaragibe, também chamada apenas Passo, para distinguir da outra Camaragibe, a Matriz, no norte do litoral de Alagoas.

Era filho de Manoel Hermelino Ferreira e de Maria Buarque Cavalcanti Ferreira, e iniciou-se nas letras primárias em Porto de Pedras e Porto Calvo, para onde a família se mudou.

Em 1923, já em Maceió, fez os estudos preparatórios e trabalhou em firmas comerciais e foi, também, professor particular.

Em 1925, publicou o soneto O Semeador em jornal católico.

A convivência com Graciliano Ramos, diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, em 1930, faz com que ele angarie mútuas e valiosas influências que lhe serão muito importantes.

Em 1932, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife e teve uma convivência profícua com José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Santa Rosa.

Em 1935, a morte de seu pai inspira-lhe o conto O Chapéu do Meu Pai.

Até o ano de 1938, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ocupa vários cargos públicos em Maceió. É oficial de gabinete e secretário da Prefeitura Municipal de Maceió, diretor da Biblioteca Municipal e, posteriormente, do Departamento de Estatística e Publicidade.

Ainda em 1938, transfere-se definitivamente para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, Aurélio trabalha como secretário da Revista do Brasil, ensina Língua Portuguesa no Colégio Pedro II, em colégios municipais e no Instituto Rio Branco, tendo em todos eles deixado sua marca de intelectual voltada às letras e ao ensino.

Em 1941, colabora no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* e publica o livro de contos *Dois Mundos*, pela Editora José Olímpio. Esse livro lhe valeu em 1943, o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, pelo trabalho desenvolvido e pela crítica especializada.

Em colaboração com Paulo Rónai, publica o primeiro volume de *Mar de História* e organiza a edição crítica de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, chamando a atenção dos críticos para a importância clássica do autor do livro - Simões Lopes Filho.

Em 1956, publica com Álvaro Lins o *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal* e é eleito para a Academia Brasileira de Filologia.

Pelas atividades desenvolvidas durante a sua carreira, é eleito, em 1957, para a Academia Alagoana de Letras.

Em 1958, publica: *O Romance Brasileiro (1752-1930)*; *Território Lírico* (Ensaios); *Enriqueça seu Vocabulário*, uma obra compilada a partir de encartes sobre exercícios de ampliação lexical que Aurélio publicava na revista *Reader's Digest* de termos incomuns da língua portuguesa falada no Brasil.

Em 1961, é eleito para a Academia Brasileira de Letras e logo depois, em 1962, é produzido o *Dicionário da Língua Portuguesa*.

Em 1975, é editado pela Nova Fronteira o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, um volumoso e rico trabalho lexicográfico de grande repercussão no Brasil que vai consagrar o nome de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como dicionarista.

Logo após, vem o *Minidicionário da Língua Portuguesa*, resumo do dicionário anterior.

Além de todas essas atividades, Aurélio pronunciou conferências, fez viagens ao exterior, proferiu discursos, fez excelentes traduções individuais e também em parceria com Olívia Krahenhuhi e Paulo Rónai.

É necessário que se evidencie e ressalte a inestimável produção para as Letras deixada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e esclarecer que foi por acaso a sua incursão no meio lexicográfico brasileiro.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1989.

CAPÍTULO 3

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Introdução

O capítulo 3 é caracterizado pela fundamentação teórica. Num primeiro momento procuramos apresentar o trabalho, evidenciando 6 termos que serão as pilastras desse estudo: dicionário, definição lexicográfica, macroestrutura, microestrutura, lexema, lexia enfatizando, dessa maneira, os aspectos essenciais norteadores dessa pesquisa.

Iremos priorizar, num segundo instante, o termo “dicionário”, por meio dos estudiosos da área do léxico: Dubois (1971), Rey-Debove (1973), Haensch (1982), Murakawa (1984), Barbosa (1990), Finatto (1993) e Biderman (1998) e, posteriormente os demais termos mencionados.

3.2. O Dicionário na Visão de Dubois

Dubois (1971) nos brinda com importantes esclarecimentos acerca do dicionário. Esse produto cultural representa o cerne que dá vida à informação e à comunicação, sendo um objeto de cunho essencialmente pedagógico. Sua função consiste em preencher o vazio que existe entre os conhecimentos dos leitores e de toda uma comunidade lingüística, pois de certa forma, ele é o instrumento de educação permanente e é, ao mesmo tempo, o livro da idade escolar e o da fase adulta.

Dubois nos informa, ainda, que o dicionário também é uma forma literária, alicerçado pelas estruturas ideológicas de seu tempo (ou fora de seu tempo), participando de uma maneira eficaz na manutenção dessa ideologia e criando condições para a sua

durabilidade, pois como ele é o lugar das referências, ele dá respostas que, para aqueles que o consultam, tem o valor de instruções limitadoras.

Dubois (1971) nos afirma que “o dicionário é também um texto, quer dizer, um discurso pronto, baseado na língua e na cultura” (DUBOIS, 1971, p. 8). Esse lingüista acrescenta que o dicionário é tributário das ciências e, em particular, das ciências humanas e da Lingüística.

Quanto à análise das fases de redação de um dicionário, ela será alterada dependendo do ponto de vista a que nos colocamos. O artigo do dicionário é considerado pois, como um programa, como uma seqüência ordenada de informações formuladas em uma linguagem codificada e capaz de fornecer respostas a questões, que são elas mesmas formuladas por meio desse código.

Para a elaboração do dicionário, Dubois nos informa que temos primeiro que definir o tipo de leitor a quem o dicionário se destina e, a partir daí, os tipos de respostas que os lexicógrafos devem fornecer aos seus consulentes.

Há também de se estabelecer critérios quanto às dimensões do dicionário – a natureza e a quantidade de informações e o espaço destinado ao seu estoque – o que dependerá o custo da informação e o preço do dicionário.

É necessário complementar as observações de Dubois, esclarecendo que os dicionários de língua relatam informações sobre a natureza e o gênero gramatical das palavras, sua forma gráfica e sonora, sua filiação etimológica, sua significação, seus valores expressivos, seu modo de emprego, seu grau de especialização, ou sua pertinência aos diversos níveis de língua, suas relações no interior do léxico etc.

3.3. Abordagem do dicionário segundo Rey-Debove

Com a afirmação de Rey-Debove, “os dicionários falam-nos dos signos e das coisas.” (REY-DEBOVE, 1984, p. 64), iniciamos nossas considerações a respeito do dicionário que é conhecido como um dos objetos culturais mais usados no mundo.

E continua Rey-Debove, comentando a função dupla do texto dicionário:

um dicionário é um texto duplamente estruturado que apresenta: a) uma seqüência vertical de itens, ditos “entradas”, geralmente dispostos em ordem alfabética, seqüência essa chamada “nomenclatura”; b) um programa de informações sobre essas entradas, que forma com elas os verbetes. As entradas são sempre signos lingüísticos, e a informação dada deve aplicar-se, ainda que em pequena parte, ao signo, como o faria por exemplo, a lista telefônica. Considera-se que a definição é uma informação sobre o signo (seu significado) e sobre a coisa designada pelo signo (o que essa coisa é) (REY-DEBOVE, 1984, p. 63-64).

Esse signo-texto faz do dicionário uma obra de consulta que deve estar de acordo com as necessidades dos consulentes e não deve ser lido do começo ao fim.

Conquanto, tendo acesso a essa obra de valor incomensurável, temos que levar em conta a informação a que ele se presta.

Ao tratar de informações sobre os signos, temos o dicionário de língua; em se tratando de informações relacionadas às coisas, temos o dicionário enciclopédico.

Ainda, citando Rey-Debove, temos que:

o dicionário de língua é um dicionário geral que nos fala do conjunto das palavras duma língua e que dá a definição delas. Sua nomenclatura apresenta, pois, todas as classes de palavras, geralmente com exceção dos nomes próprios e indica-se a classe de palavra de cada entrada (REY-DEBOVE, 1984, p.64).

Queremos deixar claro que o dicionário enciclopédico também é um dicionário geral. A lingüista nos afirma que o dicionário enciclopédico trata do conjunto das coisas duma civilização e que dá a definição delas. Uma característica que merece ser evidenciada é

que a nomenclatura⁴ do dicionário enciclopédico é essencialmente nominal e inclui os nomes próprios e ilustrações com legendas nominalizadas. Um outro detalhe que Rey-Debove evidencia é que nele não há classificação morfológica uma vez que só apresenta substantivos.

Rey-Debove nos assevera que o verbete do dicionário, embora seja escrito em estilo telegráfico, deve ser lido como uma longa frase cujo sujeito gramatical é a entrada. Todo predicado exige um sujeito nominal e a entrada funciona em todos os casos como um sujeito.

A autora nos informa, ainda, que o dicionário de língua tem por finalidade descrever o léxico total dessa língua e, constatamos, então, que esse conjunto do léxico total é indeterminado e por conseguinte, para descrevê-lo, é necessário evidenciar o que é mais importante. Nesse esquema, o critério que caracteriza o mais importante, o mais evidente é seguramente a frequência que deve ser abalizada pela notoriedade.

Rey-Debove também nos esclarece que, apesar de toda a nossa competência lexical, de usuários da língua que somos, nunca conseguiremos atingir a competência lexical ideal, isto porque o dicionário se aproxima, do menor ao mais volumoso, da competência lexical ideal e que “completa cada vez de modo diferente os milhões de idioletos diversamente compostos” (REY-DEBOVE, 1984, p.65).

Para que o consulente consiga atingir os objetivos propostos, isto é, elucidar, achar a resposta para os seus questionamentos, faz-se necessário que o dicionário de língua ofereça três informações que o influenciarão consideravelmente e servirão de pistas para a solução dos problemas.

1º- o componente gráfico e fônico, isto é, a menção da palavra com sua grafia, seguida de sua pronúncia;

4-Nomenclatura é um conjunto de nomes que se dão de uma maneira sistemática aos objetos que dependem de uma dada atividade (Dubois, J. e CL. 1997, p. 434).

2º- o componente sintático, isto é, a classe de palavras (e, eventualmente, o gênero, o número);

3º- o componente semântico, isto é, a definição ou análise do significado.

Não podemos deixar de evidenciar a importância da abonação do exemplo no dicionário. Ela se destina a mostrar a palavra definida em funcionamento e, por conseguinte, ministrar provas do que se acaba de afirmar. Assume, ainda, na maioria das vezes, a informação sintática necessária sobre as restrições seletivas. Além disso, o exemplo atenua as deficiências dos três elementos citados anteriormente e também se reveste de grande importância na reconstrução teórica que é peculiar à escolha da definição.

Outro tópico importante evidenciado por Rey-Debove é o que diz respeito à definição lexicográfica, “que é uma paráfrase que pretende ser sinônima da palavra a ser definida. (...) A função gramatical da definição é, por causa da sinonímia, obrigatoriamente a mesma que a da palavra considerada. Não é nunca uma frase” (REY-DEBOVE, 1984, p. 66).

Isso mostra a relação metalingüística entre o verbete e sua definição.

3.4. O todo dicionarístico na concepção de Haensch

Haensch (1982) nos informa que a tarefa lexicográfica remonta aos sábios da Índia que se haviam ocupado da lexicografia no seu sentido religioso, ou seja, idealizado da necessidade de explicar o significado das palavras, por razões sacras. Fazendo um retrospecto à história lexicográfica, esse lingüista nos explica que os gramáticos gregos e romanos (Varrão, por exemplo) já se preocupavam com a tarefa lexicográfica fazendo renascer essa disciplina nos países latinos da Idade Média, quando se verificou que a língua vulgar se apresentava com grandes diferenças em relação ao latim daquela época, que era a língua da

cultura, da liturgia e do Direito. Havia, então, a necessidade de explicação dos vocábulos e daí nasceu a Lexicografia.

Ele nos esclarece que desde a remota origem da Lexicografia, o objeto primeiro da história lexicográfica foi a explicação do significado das palavras pertencentes a uma fase de evolução mais antiga da própria língua.

Haensch nos explica, ainda, que na disciplina lingüística que constitui a Lexicografia, perfilou-se uma série de tipos parciais e especiais do fazer lexicográfico dando origem, posteriormente, e em particular, aos dicionários. Critérios teórico-lingüísticos são, então, estabelecidos, como ponto de partida, apesar das dificuldades que permeiam as reflexões sobre um assunto tão criterioso e devem ser embasados pelas diversas maneiras de ser da língua caracterizados às peculiaridades da descrição lingüística.

Em se tratando dessa obra que é o repositório das aspirações humanas, Haensch esclarece que é sumamente importante o problema que diz respeito à parte introdutória dos dicionários, os possíveis anexos e suplementos.

O autor em questão afirma que o dicionário é composto no geral das seguintes partes:

- Introdução
- Corpo do Dicionário
- Anexos
- Suplementos (quando estes são publicados, formam um conjunto com o dicionário e, portanto, constituem parte integrante deles).⁴

Haensch afirma que o dicionário é composto pelo prólogo ou prefácio onde é exposta a sua finalidade, o público-alvo, a fonte utilizada etc... onde é mencionado também, o nome do autor ou autores, o diretor da equipe de trabalho, os assessores e as pessoas co-

responsáveis e o lexicógrafo convida os consulentes, ao final, a propor correções, impressões e sugestões.

A introdução propriamente dita oferece ao usuário uma série de explicações e instruções no manuseio dessa obra. Deve conter somente a estrutura das entradas, todos os símbolos e abreviaturas utilizados para a explicação e caracterização dos vocábulos registrados; deve ainda ser muito clara e completa para fornecer o máximo de informações possíveis inclusive quanto ao tratamento das palavras homônimas e polissêmicas.

No corpo do dicionário se concentra, sem sombra de dúvidas, o conjunto do material léxico registrado, chamado também de catálogo, inventário ou mesmo repertório.

Por tudo o que se afirmou, Haensch nos assevera que essa obra de valor inestimável para uma determinada coletividade se confunde pelo poder de transformação que opera em cada um de seus membros.

3.5. Considerações a respeito do verbete pela ótica de Biderman

Biderman (1984) confere ao dicionário de uso de língua um lugar de destaque pelo valor que representa em si mesmo e pelo poder de transformação que ele opera na sociedade. É a obra por excelência para as necessárias consultas lexicográficas. Ele se constitui no tesouro vocabular que recolhe todas as palavras do léxico. Para tanto, a escolha das lexias que entram nesse mundo inesgotável de vocábulos diz respeito à estruturação da sua macroestrutura. O dicionário de língua é, parafraseando a lexicógrafa, um dicionário geral que nos fala do conjunto das palavras duma língua e que dá a definição delas.

Sua nomenclatura apresenta, pois, todas as classes de palavras, geralmente com exceção dos nomes próprios, e, portanto, indica-se a classe de palavra de cada entrada.

A autora nos afirma que a nomenclatura ou a sua macroestrutura é orientada pelos usuários que balizarão os limites de cada tipo de dicionário.

Após a seleção do número efetivo de palavras-entrada que comporão esse universo vocabular, os lexicógrafos passam a selecionar, nas concordâncias de textos, os contextos que serviriam para abonar os significados, as construções e os usos a serem registrados. Nesse trabalho de seleção, deve-se escolher os contextos ideais sob vários aspectos:

- a) os que melhor explicitam o sentido, uso ou construção que se quer descrever;
- b) os que efetivamente representam uma boa linguagem;
- c) os que documentam os diferentes registros lingüísticos, os vários níveis de linguagem.

A autora nos explicita que a significação das palavras se estabelece por boas definições; seu uso, por uma excelente sintaxe; seu tipo, enfim, pelo próprio objetivo do dicionário.

Com relação à redação do verbete, Biderman nos brinda com explicações extremamente didáticas:

Todo verbete tem um formato típico: após a palavra-entrada na sua forma canônica ou lema, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma. Segue-se uma paráfrase do significado ou das várias acepções de sentido no caso de palavras polissêmicas; ou ainda as construções e / ou usos, no caso de palavras instrumentais. A seguir, vêm outras informações gramaticais sobre a palavra-entrada do tipo: plural irregular, formas verbais irregulares, etc. Nas línguas que têm uma completa morfologia costuma-se incluir quadros paradigmáticos dos modelos de conjugação verbal e declinação pronominal no início do dicionário e depois, no interior do verbete se remete a esses modelos. Fornecem-se também informações sobre a pronúncia e especialidades fônicas da palavra (p. ex. poço: no sing. o 1º o é vogal fechada enquanto no plural esse o é aberto; poça: pronuncia-se o 1º o como vogal aberta). Esse tipo de informação é particularmente importante no caso de um idioma em que a língua escrita se distanciou muito da língua falada como ocorre com o inglês (BIDERMAN, 1984, p.31).

A lexicógrafa paulista nos esclarece ainda que a definição lexicográfica num dicionário é aspecto fundamental da palavra-entrada e ela deve ser uma paráfrase desse vocábulo equivalente a ela semanticamente. Empregando as palavras da autora:

Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escurrita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito freqüentes na língua preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. Tal preocupação garantiria, em princípio, a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece (BIDERMAN, 1984, p.32).

Nesse aspecto, vale ressaltar que a definição lexicográfica não é a mesma coisa que definição lógica. Ambas não devem ser confundidas.

A definição lógica só é aplicável à classe dos substantivos e, às vezes, os verbos são definíveis de modo semelhante.

A definição lexicográfica enumera os mais importantes traços semânticos da unidade léxica que são necessários para distingui-la das outras unidades.

Para a lingüista a definição lógica ...

tem de identificar de modo inequívoco o objeto definido (definiendum) de tal modo que ele deva, por um lado, contrastar radicalmente com todos os outros objetos susceptíveis de definição, e por outro lado, caracterizar-se de modo positivo e inequívoco como membro da classe mais próxima (BIDERMAN, 1984, p.32).

Biderman amplia o nosso conhecimento explicando que é muito comum encontrar, nos dicionários do português e de outras línguas, sinônimos para encontrar o significado da palavra-entrada ao invés de uma definição. Muitas vezes, ao fazer a consulta, o usuário vai conferir o sentido do sinônimo remetendo-o de volta à palavra de que partiu, num autêntico círculo vicioso.

A autora afirma que essa técnica, de explicar a palavra pelo sinônimo é inevitável no caso, principalmente, de adjetivos e de verbos, e esclarece que a definição por meio da paráfrase é sempre o melhor procedimento.

3.6. A visão de Finatto da macro e microestrutura

Finatto (1993) faz importantes considerações sobre o cenário lingüístico e da práxis lexicográfica brasileira, afirmando que o dicionário monolíngüe, independentemente ou

não dos avanços da lingüística, segue sua trajetória em prol de uma lexicografia objetiva, teórica, efetivando o aprimoramento da prática no futuro.

Para Finatto,

o dicionário é concebido como um produto social, um grande signo-texto composto de unidades sígnicas menores, listadas e / ou justapostas. Na perspectiva de sua macroestrutura, o dicionário é o signo-livro, composto de lista alfabética de entradas, indicações de uso da obra, listas bibliográficas, resumos de nomenclaturas gramaticais, etc. (FINATTO, 1993, p.5).

Nessa ótica, a lingüista gaúcha nos esclarece que

a macroestrutura do dicionário é a sua totalidade enquanto signo-texto, conforme Jean e Claude Dubois (1971, p.8-9), seria um objeto cultural, texto ou obra pedagógica que abriga o arrolamento de signos lingüísticos e suas características, podendo incluir informações acerca do seu manuseio enquanto livro, informações sobre a gramática da língua, sobre o processo de confecção da obra e indicadores de fontes bibliográficas utilizadas (FINATTO, 1993, p.20).

É justificável o fato de que a escolha da nomenclatura do dicionário monolíngüe deve atender aos anseios do dicionarista no que diz respeito ao público-alvo, faixa etária, arrolagem de palavras-entrada relacionadas aos aspectos quantitativos, nível intelectual do consulente, profissões, registros de diversidade de linguagens, freqüência de palavras do uso normal, acervo literário. O trabalho de Finatto pauta-se pela noção da efetiva colaboração para o aprimoramento da práxis lexicográfica, retomando o aspecto que constitui a sua pedra de toque justificável pela abordagem dos aspectos microestruturais, sem os quais o dicionário não existe.

Ainda, evidenciando essa característica, Finatto assegura que

A dimensão microestrutural corresponde ao verbete ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo lingüístico. É nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, poderíamos chamar “signo-verbete”, ou a unidade constituinte do arrolamento de signos lingüísticos (...). A microestrutura do dicionário, ou estrutura do verbete, corresponde a toda construção do verbete incluídas eventuais sub-entradas, indicações gramaticais de outras ordens e principalmente a indicação do significado. Esta última pode ser constituída de paráfrase ou sinonímia, não raro ocorrendo incorporadas a ela informações não lingüísticas. No interior da microestrutura, o elemento de maior destaque é, sem dúvida, a indicação do significado ou a definição lexicográfica. Constituída por uma metalinguagem tradicionalmente estabelecida, a definição de dicionário ou enunciado lexicográfico tem despertado o interesse de diversos estudiosos, já que de sua qualidade conceptual e formal depende o valor de todo e qualquer dicionário (FINATTO, 1993, p.20-21).

A autora em questão, após todas essas explicações, oferece contribuições das mais valiosas para a lexicografia brasileira. Essa lexicografia se mostra ainda, bastante distanciada de uma regularidade de métodos, procedimentos e critérios para a elaboração dos verbetes.

Ela acredita que este distanciamento é claramente compreensível

pela ausência de um dicionário de língua padrão ou institucional em seu sentido estreito, que sirva de modelo e base para a organização microestrutural, e também, ao pouco volume de crítica lexicográfica sistemática que temos publicado no Brasil (FINATTO, 1993, p.323).

A lingüista questiona a necessidade de se ter um dicionário de língua que atenda a essas exigências, apesar das lacunas evidenciadas nos trabalhos oferecidos pela Lexicografia teórica.

Há muito ainda a se fazer nesse campo objetivando uma reflexão sobre os dicionários existentes e o aperfeiçoamento de novos projetos que, com certeza, contribuirão para a práxis lexicográfica. Que os dicionários não sejam apenas vistos como produtos vendáveis, mas que sejam encarados com a seriedade que merecem, pelo fato de serem obras que desempenham um relevante papel para comunidade brasileira.

CAPÍTULO 4

4. Análise do *Corpus*

4.1. Introdução

No presente capítulo, comentamos os prefácios do DBC de Francisco Fernandes, e do PDBLP de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para verificarmos o perfil dos dicionaristas com relação às unidades lexicais que constituem a macro e micro estrutura de seus dicionários. Em seguida, tecemos considerações relativas aos prefácios evidenciados. Também, neste capítulo, evidenciamos a comparação confrontando a nomenclatura prestigiada acrescida dos verbetes do DBC com a nomenclatura e respectivos verbetes do PDBLP.

Para tanto, procurando oferecer a nossa contribuição para todos aqueles que trabalham com o léxico, estabelecemos um *corpus* de 100 lexemas da letra “L”, corporificado em ambos os dicionaristas. Embasados pelos estudos de Murakawa (1984), organizamos a nossa pesquisa observando critérios estruturados por ela e enfocando os aspectos relacionados aos pontos de identidade, semelhança e diferença que existem entre o dicionário de Fernandes e o dicionário de Aurélio.

Além desses três aspectos mencionados, achamos oportuno destacar peculiaridades dos verbetes em ambos os dicionaristas que são do interesse geral e que também fazem parte do acervo do nosso trabalho.

Sistematizamos, então, para cada item mencionado anteriormente, comentários feitos por nós tendo em vista o confronto das nomenclaturas e suas respectivas definições lexicográficas propostas pelos dois dicionaristas.

Agrupamos os verbetes em duas colunas verticais para uma melhor visualização, clareza e organização: na coluna da esquerda se encontram os verbetes extraídos de Fernandes e, na coluna da direita, os verbetes de Ferreira.

4.2. Comentários sobre o prefácio do *Dicionário Brasileiro Contemporâneo* de Francisco Fernandes

O objetivo da feitura desse dicionário - o DBC - foi condensar num volume de formato cômodo e popular todas as informações, para estudantes de nível médio e para profissionais que procuram num tempo hábil, solução para seus problemas de língua.

- nele encontramos registros de brasileirismos dispostos através da divisão do Brasil em seis zonas: norte (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí); nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe); leste (Espírito Santo, leste da Bahia e de Minas Gerais e norte do Rio de Janeiro); centro (Mato Grosso, Goiás, oeste da Bahia e de Minas Gerais) e sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).
- inclusão de étimos.
- inúmeras frases elucidativas que enriquecem o texto, auxiliando a compreensão de certas palavras.
- bastante expressões idiomáticas.
- termos de origem popular.
- vocábulos depreciativos
- numerosas gravuras.
- registro da classe gramatical
- registro do gênero, número e grau da palavra (em se tratando de nomes)

- registro da regência (em se tratando de verbos)
- registro da pronúncia das palavras
- a ortografia adotada é do acordo entre Brasil e Portugal constante das *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, aprovado pela Academia, em 12 de agosto de 1943. Quanto aos vocábulos de grafia dupla, deu-se preferência aos adotados pelo povo.
- expressões latinas e estrangeiras fazem parte dos documentos literários.
- registro de numerosas abreviaturas, em apêndice; outras, consignadas no próprio texto da obra.
- foram eliminadas palavras de emprego raro ou mesmo inúteis e vocábulos chulos ou de baixo calão.
- os editores e os autores do dicionário desejam, ao final, que os consulentes possam aproveitá-lo e encontrem nele o instrumento de trabalho e de estudo que se pretendeu elaborar.

4.2.1. Considerações sobre o prefácio no DBC

Percebemos quanto à elaboração dessa obra lexicográfica por Francisco Fernandes com a colaboração de F. Marques Guimarães, a peculiaridade na elaboração de um dicionário que possa atender a um público jovem e aos homens e mulheres de trabalho com presteza e eficiência.

Francisco Fernandes não tinha uma sustentação básica para a escolha das realidades quantitativas, isto é, realidade das frequências. A estatística lexical, possivelmente, não era do conhecimento dele e tampouco relacionada ao fazer lexicográfico desse dicionarista que, antes de tudo, foi autodidata na elaboração do dicionário.

Esta obra teve impressões até 1956. Houve uma segunda edição em 1969 com sucessivas reimpressões até 1991. É de 1991 a 18ª edição (ou reimpressão?) com revisão de Celso Pedro Luft.

Há de se fazer aqui algumas observações com relação ao dicionário DBC de Francisco Fernandes. Finatto (1993) nos assevera que “uma das mais novas publicações brasileiras na área dicionarística em 1991 é o *Dicionário Brasileiro Globo*, indicado como 18ª edição de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft e F. Marques Guimarães” (Finatto, 1993, p. 56).

Essas considerações são efetivadas por Finatto (1993), mediante pesquisa feita por ela por meio do Catálogo de Átila Almeida (1988), um grande estudioso da área dicionarística que por meio de sua obra *Dicionários, Parentes e Aderentes*, de 1988, apresenta-nos estudos bastante interessantes e relevantes para uma análise mais profunda e acurada.

Esse embasamento lexicográfico permite, a todos os estudiosos da área em questão, incursões mais profundas e profícuas para o conhecimento de nomes, autores, épocas, assuntos e editoras que dizem respeito às obras lexicográficas.

Por meio dos estudos de Finatto, e com a grande ajuda de Átila Almeida, cuja obra sustenta os nossos trabalhos, podemos considerar que o foco da nossa análise, o DBC, se constitui no limiar do *Dicionário Brasileiro Globo* mencionado anteriormente.

Almeida registra em seu catálogo que a 1ª edição é de 1984 e a 3ª edição de 1985. Como seu “copyright” é de 1952, chegamos à conclusão de que esta, na verdade, é uma reedição do Dicionário Brasileiro Contemporâneo de Francisco Fernandes, com a colaboração de F. Marques Guimarães, com pequenas alterações na 2ª edição (com reimpressão em 1953, 54, 55, 56 e 1970) (FINATTO, 1993, p. 63).

Dessa maneira, mediante os estudos feitos por Finatto, percebemos como o trabalho de Francisco Fernandes foi importante para os trabalhos lexicográficos produzidos no Brasil, durante o período apresentado, evidenciando, dessa forma, as atividades lingüísticas desenvolvidas por este dicionarista que vieram contribuir para as atividades lexicográficas que começavam a tomar vulto em nosso país.

É importante acrescentar ainda, buscando subsídios em Finatto (1993):

...da importância também de recuperar a história da lexicografia nacional, já que este conhecimento pode contribuir para a avaliação e direcionamento de investimentos nesta área. Além disso, entendemos que os estudos de lexicografia teórica podem contribuir em grande medida para a definição das características de um dicionário padrão brasileiro (FINATTO, 1993, p. 65).

Dessa maneira, os trabalhos desenvolvidos por Francisco Fernandes foram de extrema importância para os estudos lexicográficos brasileiros e aqui cabe a atenção, a observação, o carinho no trato desse dicionarista mineiro, autodidata, na elaboração dessa obra lexicográfica aos moldes das obras nacionais e estrangeiras.

4.3. Comentários sobre o prefácio no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

O PDBLP teve sucessivas reedições a partir de 1953. Assim, no prefácio que abre a feitura do dicionário, Ferreira assevera que o consulente merece um esclarecimento com relação a obra produzida.

A partir da 3ª edição, Ferreira colaborou na feitura deste dicionário e muito especialmente na atual (6ª edição), tendo-o submetido:

- à revisão rigorosa quanto à redação e quanto ao método.
- ao acréscimo de numerosíssimos termos principalmente brasileirismos.
- a comentários de erros que foram corrigidos detectados nos léxicos e nos vocabulários, inclusive vocabulários oficiais.
- a melhoramentos relacionados aos registros de flexões irregulares de gênero, número e grau.
- ao registro dos plurais irregulares. Ex: liquens, líquenes.
- constam substantivos e adjetivos terminados em ão, com a formação do feminino, mas o plural de substantivos e adjetivos em ões, não figura por ser considerado normal.

Encontramos ainda:

- acréscimo de alguns vocábulos relacionados ao gênero.
- registro de alguns vocábulos estranhos derivados de vocábulos espanhóis.
- registros do uso de palavras que não foram detectadas em nenhum dicionário como: balça e balcedo.
- registro de flexões irregulares dos verbos e a referência às linguagens verbais não conjugadas nos verbos defectivos.

- seriação dos verbetes no caso dos homônimos com étimos diferentes como: desadorado¹ = “não adorado” e desadorado² = “incomodado por dor violenta”, arará¹ = “árvore”, arará² = “ave”, arará³ = “indígena”, etc. Ferreira diz que se baseou no Vocabulário da Academia de Lisboa e no Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes, além de muitos outros dicionários.

- registro de nomes de povos e tribos indígenas no singular como substantivos quase sempre de dois gêneros (incluindo a forma do plural na definição) e também como adjetivo, ao contrário dos outros dicionaristas que o fazem apenas no plural. Assim: “ARARÁ³. s.m.e f. (Brás.) Indígena da tribo dos Ararás, do baixo Xingu e do Madeira da família Caraíba, adj. relativo a essa tribo”.

- registro de nomes das famílias zoológicas e botânicas. Por exemplo: “ARDEÍDEO. adj. Relativo aos Ardeídeos ; s.m. espécime dos Ardeídeos, família de aves ciconiformes, de corpo alongado, pescoço comprido, bico longo e forte, patas e dedos longos, da qual é tipo a garça”.

“APOCINÁCEA ou APOCÍNEA, s.f. Espécime das Apocináceas ou Apocíneas, família de plantas dicotiledôneas, monopétalas e hipóginas a qual pertence a espirradeira”. “APOCINÁCEO ou APOCÍNEO, adj. Relativo à família das APOCINÁCEAS ou APOCÍNEAS”.

- registro também de sinônimos – não sistematizados ainda, mas já bastante amplos, após a definição da palavra. Às vezes, um verbete fornece muitos termos equivalentes aos consulentes. Ferreira chama a atenção para: caipira e cachaça para os quais o consulente encontrará mais de meia centena de sinônimos. Para as remissões, Ferreira procurou limitar o uso do “V” (Vide) aos casos em que determinada forma não é ou não parece recomendável, ou que a palavra para a qual se manda o consulente depois de definida aparece acompanhada de mais de

um sinônimo ou tem várias acepções, das quais só uma ou algumas são sinônimas daquele termo de que o leitor foi enviado. Ex: ADJUTÓRIO, s.m. Ajuda; auxílio, socorro; clister: (Bras. Sergipe e Bahia) (V. Muxirão)”. O leitor vai a muxirão e lá, em seguida à definição da palavra, acha 19 sinônimos, entre os quais, naturalmente, adjutório”. O “V” indica a necessidade de ser consultado o artigo muxirão, ainda que se lhe conheça o sentido, para que se tenha oportunidade de conhecer-lhe a sinonímia.

A locução “o mesmo que”, só se verifica depois de definido o termo em um, alguns, ou todos os seus significados. A locução “o mesmo que”, nunca inicia uma nova acepção, mas completa a acepção ou acepções já consignadas. Ex: ACANGATARA s.m. (Bras.) Penacho; enfeite de penas; adorno para a cabeça, que os índios usavam nas suas solenidades. O mesmo que canitar”. Não vindo no fim do verbete como aqui, “o mesmo que” estará precedido de dois pontos e não de ponto final.

Consulentes com dificuldades ortográficas, exemplo: g e j; ch e x; com c, ç; s, ss; z e ç; com e, i; com co e cu e qu.

As variações (na época) ou e oi; ex: couro, coiro; cousa e coisa – emprega-se a de maior uso, pondo-se a outra forma no fim da definição, sem fazer registro especial dela.

É observado o acordo luso-brasileiro que determina o uso para palavras com c e p etimológico nas quais são insonoros ou de pronúncia facultativa. Ex: factura, adoptar, recepção, etc. As pronúncias delas vão sempre indicadas entre parênteses; ex: factura (át), recepção (ép).

Acréscimo de arcaísmos (relação aos textos literários), para auxiliar os consulentes jovens que têm de ler textos antigos literários.

- Formas do velho português como: bautizar, benção (oxítono), saluço, samear, somana, (é uma forma de aproximar a linguagem do povo e a linguagem antiga).
- Brasileirismos amplamente acrescidos, com definições aperfeiçoadas e grande número de vocábulos recolhidos da linguagem viva ou de dicionários de regionalismos, obras de literatura regional. Ferreira, caracteriza o vocábulo brasileirismo como um termo honroso, não pejorativo, como certos filólogos portugueses o tratam.
- Palavras mortas em Portugal, mas usuais no Brasil vão com a observação “bras. e ant.”
- Outras palavras que em Portugal não morreram de todo, conservando-se em alguma província enquanto aqui são de uso geral, vão com a consignação: “ant. bras. e prov. port.”;e quando no Brasil são de uso restrito, acrescenta-se a “bras.” à área geográfica do seu emprego.

Outras que lá sempre tiveram uso regional, mas que no Brasil são conhecidas em todo país ou em parte dele, vão com a mesma indicação, ultimamente citada, menos naturalmente o “ant.”. Exemplos:

Apojar (= “fazer (o bezerro) mamar segunda vez com o fim de obter-se o apoio”) bras. e prov. Minhoto.

Barrufar e barrufo- ant. bras. e prov. port.
(Figueiredo⁵ não dá como brasileirismos)

Batedeira (= “febre intermitente; maleita”) bras. e prov. port. (Figueiredo não dá como brasileirismo).

Cascas- bras. prov. e port. (Figueiredo só dá como prov. port.)

Endomingado- bras. e prov. port. (Figueiredo não diz que é brasileirismo).

5- FIGUEIREDO, Antônio Cândido de, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1899.

Enticar- bras. e açor.

Estalícideo- ant. e bras. (Figueiredo dá somente como ant.).

Estirada- bras. e prov. port. (Para Figueiredo só é prov. port.).

Fiança- ant. bras.

Fura- bras. e prov. port.

Gato- (= “erro, lapso”) bras. e prov. port. (Figueiredo dá somente como prov. port.).

Marchante- (= açougueiro) ant. bras. e prov. port. (Figueiredo não dá como brasileirismo).

Neblinar- bras. e açor.

Retouçar- (= “comer pastando”) – bras. e prov. port. (Para Figueiredo é só prov. port.).

Sapeca- (= “namoradeira”) – bras e prov. port. (Figueiredo não dá como brasileirismo).

Sarapatel- (= “confusão, balbúrdia”) – bras. e prov. port. (Figueiredo não diz que é brasileirismo).

Talento- (= “força física”) – bras. e prov. port.

Tato- (= “gago”) – bras. e prov. port. (Figueiredo só dá como prov. port.).

Traquejado- (= “exercitado, experiente”) – ant. e bras.

- Ferreira esclarece que os vocábulos caracterizados como brasileiros, são palavras registradas como tal e que os vocábulos dados como de um determinado estado ou região, embora possam ser usados também noutros estados ou regiões.
- O autor pede que os leitores façam observações sobre o Dicionário pois, dessa forma, poderá aperfeiçoá-lo mais.

- Ele agradece ao importante auxílio de Revisão da Companhia Editora Nacional, em especial ao amigo Sr. José Baptista da Luz pelas excelentes sugestões (FERREIRA, 1953: VII- XII).

4.3.1. Considerações sobre o prefácio no PDBLP

Ferreira registra os vocábulos lexicalizados ou em vias de lexicalização, dando-lhes entrada na palavra mais importante da expressão:

- o substantivo seguindo-se pela ordem; o verbo, o adjetivo, o pronome, o advérbio.

O mais importante num dicionário é a definição da palavra-entrada e a melhor definição é aquela feita por uma paráfrase, o que não acontece com Ferreira. Na maioria das vezes o dicionarista não define a palavra pela paráfrase autônoma. Por exemplo: lançamento = s.m. Ato de lançar. Ainda que acrescente sinônimos, de fato não definiu a palavra como uma paráfrase autônoma.

O recurso da sinonímia, que é muito utilizado por ele não é um bom método de definição.

Além disso, é contestável a ordem das acepções das palavras polissêmicas.

Ao registrar termos raros, às vezes, especificamente literários, o dicionarista não informa o consulente dessa conotação específica da palavra. Ex: laico, languir, lavor etc.

4.4. Identidade entre as obras

Constatamos, no confronto dos dois dicionaristas, pontos de identidade os mais variados possíveis e, pelas exemplificações mais detalhadas, podemos comparar as obras em questão levando em consideração alguns tipos de identidades entre elas.

4.4.1. Identidade de definição

Verificamos que houve identidade não só na primeira definição como também nas posteriores subentradas com pouquíssimas alterações em ambos os dicionaristas.

Francisco Fernandes grafa todos os verbetes com letra maiúscula e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira grafa todos os verbetes com letra minúscula.

Nos verbetes do *corpus* escolhidos do DBC e do PDBLP, verificamos:

Fernandes

Ferreira

1- LATITUDINÁRIO - Em Fernandes e Ferreira há identidade no registro da classe gramatical, explicação do vocábulo por sinônimos com alteração na ordem sinonímica do vocábulo.

2- LATITUDE - Em Fernandes e Ferreira há identidade no registro da classe gramatical, definição lexicográfica por paráfrase, com alteração de vocábulo e linguagem figurada. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

3- LEVAR - Fernandes e Ferreira registram a classe gramatical da palavra e as regências. Fernandes e Ferreira dão a explicação lexicográfica por sinônimos e introduzem todas as peculiaridades relacionadas ao verbo. Fernandes acrescenta aos sinônimos diversos valores de sentido com mais exemplos e expressões idiomáticas que Aurélio possibilitando maior clareza ao verbete. Ele acrescenta a origem e o étimo do vocábulo.

4.4.2. Identidade de Bibliografia

Não identificamos nas obras em questão esse segundo aspecto. Não há referências bibliográficas.

4.4.3. Identidade de exemplos

Identificamos poucos exemplos inseridos na letra “L” nas obras em questão que dizem respeito a esse terceiro aspecto. Como não há referências bibliográficas em ambos os dicionaristas, queremos crer que os exemplos foram elaborados pelos próprios lexicógrafos.

4- LATA – Há em ambos os dicionaristas, o registro da classe gramatical e o gênero. Ambos fizeram a definição lexicográfica pela da paráfrase com algumas alterações. Fernandes utiliza de outras paráfrases com exemplificação. Fernandes faz o registro da linguagem gírica com exemplificação, ao passo que Ferreira registra a mesma acepção como linguagem chula.

5- LIMPAR - Há registro da classe gramatical e regências em ambos os dicionaristas. Fernandes registra um número maior de sinônimos do vocábulo e alguns são seguidos de

exemplos (como não há referências, acreditamos que os exemplos sejam formulados por ele).

Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

6- LARGO - Há o registro da classe gramatical em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica e feita pela paráfrase, com algumas alterações de elementos e outros sinônimos. Fernandes registra exemplo com definição, inclusive, pelo contrário, esclarece o tipo do uso do vocábulo, introduz a classe gramatical do substantivo e o gênero, possibilidade da formação do advérbio e dá a origem e o étimo da palavra. Ferreira registra, também, a classe do substantivo, o gênero e dá o exemplo utilizando o próprio verbete como definição.

7- LIVRAR - Há o registro da classe gramatical e as regências em ambos os dicionaristas. A palavra-entrada é definida pelos sinônimos. As palavras que compõem as entradas não seguem a mesma ordem. Em Ferreira, há o registro da linguagem jurídica com exemplos que facilitam a compreensão. Em Fernandes, há exemplificação, o registro da origem e do étimo do vocábulo.

8- LEVANTAR - Em ambos os dicionaristas há o registro da classe gramatical das regências e de explicações da palavra-entrada pelos sinônimos. Em Fernandes, há um número bem maior de elementos sinonímicos acrescidos de bastantes exemplos. Em Ferreira, há o registro de outra classe gramatical. Há uma identidade muito grande em ambos os dicionaristas na seleção dos vocábulos para a regulamentação da entrada.

4.4.4. Identidade de Sinônimos

O recurso da sinonímia é muito utilizado pelos lexicógrafos modernos apesar de sabermos que não é um bom método e que a melhor definição é sempre pela paráfrase. Constatamos que ambos os dicionaristas se utilizaram do sinônimo como recurso explicativo do significado. Vejamos alguns exemplos:

9- LADINO - Há o registro da classe gramatical em ambos os dicionaristas. A explicação lexicográfica da palavra-entrada é feita pela sinonímia. Na entrada, há o registro em ambos os dicionaristas de brasileirismo. Ferreira acrescenta a explicação com exemplos oferecendo maior clareza ao verbete. Em ambos os dicionaristas, há o registro de outra classe gramatical e do gênero. Em Fernandes, há o registro da origem e do étimo da palavra.

10- LASTIMA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Em ambos os dicionaristas, a explicação lexicográfica é feita pelos sinônimos. Há uma alteração na disposição da entrada, há o registro da linguagem depreciativa e Ferreira registra o vocábulo com referência ao verbo lastimar.

11- LUTA - Há o registro da classe gramatical e do gênero em ambos os dicionaristas, porém, Ferreira registra antes da classe gramatical o étimo da palavra. A explicação lexicográfica da palavra-entrada é apresentada pelo sinônimo. Há a abonação pelo exemplo com elementos idênticos em ambos os dicionaristas. No final, há em Fernandes, o registro da origem e do étimo da palavra.

4.4.5. Identidade de não-definição do verbete

Esse recurso se faz necessário quando o lexicógrafo tem dificuldade de definição da palavra-entrada, dando apenas o exemplo. Por ele, o consulente, com certeza, compreenderá o sentido da palavra. A melhor definição é aquela que é feita pela paráfrase, mas, em algumas situações o lexicógrafo recorre aos exemplos, permitindo uma maneira perfeita de interação.

Dubois (1971) nos assevera que esse é um processo bastante usado na Lexicografia moderna.

12- LANÇO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é apresentada pela paráfrase seguida de elementos explicitadores para melhor compreensão. As entradas de Fernandes são alteradas da seqüência natural de Ferreira, já que, há uma identidade na seleção vocabular de ambos, com poucas complementações de Ferreira. Há o registro do Brasileirismo em ambos os dicionaristas. Há registro da linguagem popular em Fernandes. Há a presença do vocábulo formador do advérbio em Ferreira com a devida significação.

13- LAPÃO - Há registro da classe gramatical em ambos os dicionaristas. A explicação da palavra-entrada é feita pelos sinônimos com alguns exemplos que remetem ao termo inicial. Há o registro da classe gramatical substantivo e do gênero. Fernandes fornece elementos não lingüísticos para melhor compreensão do consulente.

14- LATIM - Há o registro léxico-gramatical em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Há o registro da linguagem figurada seguido de exemplos possibilitando melhor compreensão do verbete. Fernandes amplia as explicações com vários elementos não-lingüísticos e fornece, também, a origem e o étimo do vocábulo.

4.5. Semelhanças entre as obras

Com relação a este item, pudemos observar que há alguns aspectos semelhantes em ambas as obras que evidenciam, dessa maneira, o curto espaço de tempo da produção dos dicionários possibilitando acreditar que houve uma certa reciprocidade de escolhas, tanto da nomenclatura estabelecida quanto da definição lexicográfica.

4.5.1. Semelhança de paráfrase

Com relação aos verbetes desse item, percebemos que ambos diferem em pouquíssimos dados um do outro, evidenciando, dessa maneira, a mesma constituição parafrástica.

Fernandes

Ferreira

15- LÍGIO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é apresentada pela paráfrase que constitui um todo bastante compreensível. Há uma semelhança de paráfrases em ambos os dicionaristas. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

16- LANTERNA - Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. Com relação à definição lexicográfica ela é feita pela paráfrase, utilizando o recurso do recorte no mundo pelo léxico da língua. Por meio desse recurso, Fernandes utiliza a palavra espécie e Ferreira utiliza a palavra utensílio. Fernandes acrescenta alguns exemplos, mas Ferreira é mais claro ao explicá-los. Fernandes utiliza o recurso de várias gravuras que, com certeza, ajudarão na melhor compreensão do verbete.

17- LARGAR - Há o registro da classe gramatical e das regências em ambos os dicionaristas e constatamos a explicação da palavra entrada por meio da sinonímia. Encontramos em Fernandes exemplos caracterizando algumas expressões como partir; *largaram os navios do porto*; separar-se; *os dois não se largaram mais*. Há uma semelhança na elaboração de ambos os verbetes. Há em Fernandes, o registro da formação ao verbete. Em Ferreira, há o registro da regência do verbo intransitivo, registro de brasileirismo com plebeísmo; há o registro popular seguido do exemplo para compreensão do vocábulo.

18- LICENCIAR - Há o registro da classe gramatical e das regências por ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica da palavra-entrada é feita pelas paráfrases. Fernandes completa o sentido da paráfrase oferecendo exemplos, a origem e o étimo da palavra. Ferreira ilustra o verbete oferecendo o modelo paradigmático do presente do indicativo até a 3ª pessoa do singular.

19- LICENCIATURA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita através da paráfrase. A semelhança da definição por paráfrase é mais clara em Ferreira pois ele dá explicações mais detalhadas ao verbete. Também há o registro de brasileirismo e o equivalente sinônimo para o vocábulo em questão. Fernandes dá a formação do nome.

20- LETRA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Há o registro da pronúncia da palavra. A definição lexicográfica é feita por paráfrase e são semelhantes em ambos os dicionaristas. As entradas são endossadas por Ferreira por numerosos exemplos e pela longa lista de subentradas. Há, também, em Ferreira, o registro do antônimo. Fernandes evidencia o registro da origem e do étimo da palavra. Constatamos que Ferreira oportuniza melhores e maiores conhecimentos acerca do vocábulo pretendido.

4.5.2. Semelhança entre a definição do DBC e o exemplo do PDBLP

Neste aspecto, observamos que a definição dos verbetes do DBC nos pareceu mais prática e concisa com a ótica peculiar dos dicionaristas. Vejamos os verbetes: lúnula, lacre e lupo.

21- LÚNULA - Há o registro da classe gramatical e do gênero em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase e é muito semelhante em ambos os dicionaristas apenas com alterações na ordem de alguns vocábulos. Ambos os dicionaristas registram os exemplos. Ferreira os registra oferecendo uma melhor explicação ao consulente. Ferreira oportuniza uma outra definição para o verbete que Fernandes não oferece. Há em Fernandes o registro apenas da origem do vocábulo e o registro dele como termo da geometria.

22- LACRE - Há o registro, por ambos os dicionaristas, da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é oportunizada pela da paráfrase. Em Ferreira, há o registro de brasileirismo, do Nordeste e de Minas Gerais com caracterizações específicas a cada região brasileira mencionada precedida do nome científico da planta.

23- LUPO - Há o registro da classe gramatical, do gênero, da linguagem especial (Med). A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Em Fernandes, há a variação do verbete *lúpus* e o registro da origem e do étimo da palavra. Ferreira caracteriza melhor a entrada por exemplos oportunizando, dessa maneira, maiores e melhores esclarecimentos ao consulente.

4.5.3. Semelhança de definição

A primeira definição dada por Fernandes difere da de Ferreira apenas por alguns termos sinônimos. Ferreira acrescenta ainda, ao final, alguma outra característica às definições iniciais. Em outra ocasião, percebemos a semelhança de expressões e até mesmo na seqüência apresentada como no verbete LATINÓRIO.

24- LATINIDADE - Há o registro da classe gramatical. A definição da palavra-entrada é por paráfrase. A semelhança da definição em ambos os dicionaristas é alterada apenas pela ordem caracterizando os elementos da definição. Ambos remetem o consulente *às velas latinas*, com esclarecimentos que permitam maior compreensão ao consulente. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

25- LATINÓRIO - Há o registro da classe gramatical adjetivo para Fernandes e para Ferreira em substantivo, seguido pelo gênero. Ambos, os dicionaristas, fazem a definição lexicográfica pela paráfrase utilizando os mesmos elementos. Ferreira acrescenta outra acepção ao vocábulo: *Latim eclesiástico*.

4.5.4. Semelhança da definição pelo sentido contrário ou oposto

Este é também outro recurso comum de que dispõem os dicionaristas, definindo alguns verbetes pelo sentido contrário ou oposto e se utilizam de elementos tais como: contrário, não etc.

26- LIBERDADE - Há o registro da classe gramatical seguida do gênero em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é feita através de paráfrase. Há também o registro da definição por ambos os dicionaristas através do elemento oposto ou contrário: o que não é proibido. Em Fernandes, há o registro de brasileirismo do nordeste com ampla explicação do verbete através de exemplo.

27- LEVIANO - Há o registro da classe gramatical. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Fernandes utiliza-se da definição pelo contrário, pelo oposto, para dar maior clareza ao verbete. Ferreira registra o brasileirismo e a linguagem antiga, para conferir ao verbete maior clareza.

28- LIVRE - Há o registro da classe gramatical em ambos os dicionaristas. Há o registro da definição lexicográfica pela paráfrase. Fernandes e Ferreira se utilizam do recurso da definição pelo elemento oposto ou contrário. Ambos os dicionaristas dão o superlativo absoluto sintético e ilustram com exemplos. Ferreira registra a entrada do verbete com numerosos exemplos, otimizando melhor compreensão ao consulente.

29- LIXO - Há o registro em ambos os dicionaristas da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Ambos os lexicógrafos utilizaram do recurso da definição do verbete pelo elemento oposto ou contrário seguido de exemplos que devem ter sido elaborados pelos dicionaristas. Há a presença de elementos sinônimos. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra. Ferreira registra a linguagem figurada.

4.6. Diferenças entre as obras

Com relação a este item, observamos que em ambas as obras dicionarísticas os lexicógrafos, ora nos dão uma definição dos verbetes com características de maior teor enciclopédico, restringindo definições e, às vezes, acrescentam significados.

4.6.1. Diferença de definição: caráter lingüístico X caráter enciclopédico

Percebemos em Ferreira uma abrangência maior para a definição dos verbetes, proporcionando-nos um conhecimento maior do significado.

Fernandes

Ferreira

30- LEPRA - Há o registro da classe gramatical, do gênero, da linguagem especial (med.) em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase com categorizações acrescidas de sinônimos e exemplificações para o verbe. Em Fernandes e Ferreira, há o registro da linguagem figurada. Ferreira registra também a linguagem popular e o brasileirismo do sul. Fernandes registra apenas a origem da palavra. Os elementos em Ferreira dão ao consulente uma melhor compreensão do verbe.

31- LENHOSO - Há o registro da classe gramatical. Em Ferreira, há o registro da pronúncia do verbe. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Fernandes dá ao verbe um caráter mais elucidativo. Ferreira registra o sinônimo.

4.6.2. Diferença de definição quanto aos exemplos

Com relação a este item, percebemos uma certa dificuldade de significação na definição de Ferreira.

Fernandes

Ferreira

32- LUTADOR - Fernandes e Ferreira registram duas classes gramaticais do verbete e registram o gênero. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo, enquanto Ferreira registra apenas o étimo. As definições lexicográficas são feitas através de paráfrase sendo que Fernandes registra o adjetivo seguido do substantivo e do gênero registrando a paráfrase logo após. Ferreira registra primeiro a pronúncia, o étimo, a classe gramatical: adjetivo, a definição e logo após a classe gramatical: substantivo seguido do gênero e a respectiva definição.

33- LUTAR - Há o registro da classe gramatical e da regência em ambos os dicionaristas. A definição da palavra-entrada é feita por meio de sinônimos com diferença quanto aos exemplos. Em Fernandes, há o registro da origem e do étimo da palavra enquanto que em Ferreira, há o registro do étimo da palavra.

34- LEVIRATO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita pela da paráfrase. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra. Quanto à elaboração da entrada do verbete, há uma total discordância de elementos na explicação do vocábulo estruturado. Percebe-se que Fernandes foi mais explícito e mais claro na sua definição.

4.6.3. Diferença de definição quanto à clareza com acréscimo de dados

Nos pareceu, neste item, que as definições de Ferreira mostram maior clareza e compreensão dos significados com o acréscimo de elementos norteadores de sentidos.

Fernandes

Ferreira

35- LIGAMENTOSO - Há o registro da classe gramatical. Ferreira registra a pronúncia. A definição é feita através de paráfrase para Fernandes e sinonímica para Ferreira. Fernandes caracteriza melhor o verbete selecionado.

36- LIGAR - Há o registro da classe gramatical e da regência. A definição é feita pelos sinônimos em Fernandes acrescidos de vários exemplos norteadores de sentido. Há

também o registro por esse dicionarista da origem e do étimo da palavra. Ferreira registra os mesmos vocábulos, inclusive os exemplos para conferir melhor compreensão por parte do consulente. Registra, ainda, o brasileirismo do Rio Grande do Sul com as acrescidas exemplificações e registra a pronúncia da palavra.

37- LICENCIADO - Há o registro da classe gramatical em Fernandes e Ferreira e a definição lexicográfica por paráfrase. Ferreira acresce a definição lexicográfica com vários exemplos caracterizando uma melhor compreensão do consulente. Ferreira registra ainda o brasileirismo seguido de explicações.

4.6.4. Diferença na ordem das acepções

Fernandes

Ferreira

38- LACETE - Há o registro da pronúncia, da classe gramatical e do gênero por ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é feita através da paráfrase. Há uma certa diferença na apresentação da entrada. Os elementos utilizados para a descrição da definição foram idênticos, mas sofreram uma alteração na ordem da apresentação dos mesmos (a 3ª entrada de Fernandes é a 2ª entrada de Ferreira).

4.7. Peculiaridades evidenciadas em Fernandes

Evidenciamos, a partir de então, características peculiares à Fernandes destacando o sentido acurado desse dicionarista e dessa importante obra lexicográfica em prol de uma ajuda eficaz, rápida, satisfatória ao consulente, permitindo que ele consiga obter do dicionário, todas as informações possíveis a respeito do vocabulário usual mais freqüente na língua escrita e oral. Nesse aspecto, fazemos a comparação com o PDBLP de Ferreira.

I- Registro da origem e do étimo das palavras

Fernandes também se preocupou em registrar no verbete, após a definição lexicográfica, o registro da origem da palavra. De acordo com a moderna lexicografia, o registro etimológico da palavra deveria vir acompanhado de todas as formas pelas quais a palavra passou até chegar na forma atual, isto é, traçar um perfil histórico dessa palavra. O dicionarista em questão registrou a origem da palavra e o seu étimo. Dos vários registros da origem e do étimo das palavras que encontramos na letra “L”, selecionamos alguns verbetes que, a seguir, passamos a compará-los com o PDBLP de Ferreira.

Fernandes

Ferreira

1- ALEMÃO

39- LANSQUENÊ - Há o registro da classe gramatical seguida do gênero. A definição lexicográfica é feita pela de paráfrase, e há o acréscimo de uma explicação sobre o verbete. Em Fernandes, há o registro da variação lingüística, da origem, do étimo do vocábulo e da gravura. Em Ferreira, há o registro da variação seguido da explicação lingüística *aportuguesado* da origem e do étimo da palavra.

2- ÁRABE

40- LACA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita por meio da paráfrase. Em Ferreira, a paráfrase é melhor explicada e há o acréscimo do sinônimo. Somente Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

3- CASTELHANO

41- LENTEJOULA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Em ambos os dicionaristas a paráfrase é bem explicitada,

e alguns vocábulos são alterados; há o registro de variação lingüística do vocábulo. Somente Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

4- FRANCÊS

42- LUPA - Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase e em ambos os dicionaristas a explicação foi clara. Há um elemento na definição de Fernandes que se presume haja a necessidade de maior clareza; trata-se do vocábulo biconvexa. Há o registro da linguagem especial, da origem, do étimo da palavra e da gravura que dá maior clareza ao consulente.

5- GREGO

43- LITÓGRAFO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Ferreira dá a variação lingüística do vocábulo e remete à formação do verbo litografar, inclusive com definição lexicográfica pela paráfrase, utilizando o advérbio para melhor caracterizar a definição. Fernandes apenas dá à paráfrase o valor de adjetivo e registra a origem e o étimo do vocábulo com a formação da palavra.

6- INGLÊS

44- LÍDER - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Fernandes dá a definição lexicográfica por meio da paráfrase e com elementos sinonímicos. Ele registra, também, o plural e fornece a origem e o étimo do vocábulo. Em Ferreira, a definição da entrada é feita através dos sinônimos seguidas de paráfrases. Ele fornece também a palavra aportuguesada do inglês *leader* e esclarece quanto a origem.

Fernandes

Ferreira

7- ITALIANO

45- LASANHA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Em ambos os dicionaristas a definição lexicográfica é feita pela paráfrase com explicações convincentes. Fernandes oferece o registro da origem e do étimo do vocábulo. Ferreira dá a informação aportuguesada do vocábulo, registrando a origem e o étimo.

8- LATINO

46- LUSTRAR - Há o registro da classe gramatical seguido de regências. A definição lexicográfica é feita na entrada por meio da paráfrase e posteriormente de sinônimos. Há alguns elementos que foram alterados. Fernandes acrescenta algumas caracterizações à entrada. Ele informa também a origem e o étimo do vocábulo.

9- MALAIO

47- LOURO - Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. Fernandes registra somente a linguagem familiar seguida do sinônimo, a origem e o étimo do vocábulo. Ferreira registra além da classe gramatical e do gênero apenas os sinônimos; fornece a seriação dos verbetes no caso de homônimos, dá os sinônimos e registra as variações lingüísticas.

10- TIBETANO

48- LAMA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é dada pela paráfrase. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra e orienta quanto à pronúncia do vocábulo. Ferreira fornece a seriação do verbete no caso de homônimos com étimo diferente seguido de sinônimo e registra a linguagem figurada.

II - Registro Lingüístico

Com relação a esse item, constatamos a preocupação de Fernandes de registrar, além da norma lingüística em uso, os diferentes tipos de fala ou registros especificando no seu dicionário quando uma palavra era de linguagem antiga, familiar, irônica, poética etc., e comparando os mesmos verbetes com Ferreira, no PDBLP.

Fernandes

Ferreira

1- ANTIGO

49- LEMNISCO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. Em ambos os dicionaristas, há o registro lingüístico, a definição lexicográfica é feita pela paráfrase com elementos quase que idênticos acrescidos de uma ou de outra identificação maior em Fernandes. Ele registra a origem e o étimo do vocábulo.

2- DEPRECIATIVO

50- LIVRÓRIO - Há o registro da classe gramatical, do gênero e do registro lingüístico. A definição lexicográfica é feita por meio da paráfrase e um sinônimo.

3- DESUSADO

51- LEVAMENTO - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é feita por meio da paráfrase seguido de sinônimo. Fernandes e Ferreira nos dão o registro lingüístico.

4- FAMILIAR

52- LENHA - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é dada pela paráfrase com elementos idênticos. Há, em ambos os dicionaristas, o registro lingüístico e Ferreira oferece o registro de brasileirismos.

5- SENTIDO FIGURADO

53- LAMBUJEM - Há o registro da classe gramatical, do gênero e da linguagem figurada. A definição é feita por sinônimos com uma identidade de brasileirismo e de vocábulo em ambos os dicionaristas.

6- GALICISMO

54- LOVELACE – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero em ambos os dicionaristas. A definição lexicográfica é dada pela paráfrase. Fernandes acrescenta à definição um valor explicativo. Ferreira acrescenta à paráfrase elementos melhor categorizados com valor enciclopédico, permitindo maior significação ao verbete.

7- GÍRIO

55- LAVAGEM - Há o registro da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é dada pela paráfrase. Alguns elementos da definição são alternados num e noutro dicionarista. Em Fernandes, há o registro de brasileirismo e gíria. Em Ferreira, há o registro de linguagem especial, brasileirismo, e gíria; todos os registros são seguidos de exemplos para dar maior clareza e sentido ao verbete de Ferreira.

8- IRÔNICO

56- LEVITA – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero e do registro lingüístico. A explicação do verbete é dada por sinônimo em ambos os dicionaristas. Em Ferreira, há uma explicação melhor para o consulente. Fernandes registra a origem do vocábulo.

9- JURÍDICO

57- LITISCONSORTE - Há o registro da classe gramatical em Fernandes e Ferreira. Fernandes registra o verbete como comum de 2 gêneros e Ferreira o caracteriza como masculino. A definição lexicográfica é feita por paráfrase. A definição do verbete em Ferreira tem melhores esclarecimentos além do registro da linguagem especial. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

10- POÉTICO

58- LUMINAR - Há o registro em ambos os dicionaristas da classe gramatical com a caracterização do verbete de comum de 2 gêneros. A definição é feita pela paráfrase. Fernandes registra a linguagem poética, enquanto Ferreira registra a linguagem figurada.

11- POPULAR

59- LIGEIRA - Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical e o gênero. Fernandes registra o brasileirismo do norte e a linguagem popular. Ferreira registra o brasileirismo especificando o uso do verbete em Alagoas, Ceará, Pernambuco, Ilha de Marajó e Goiás oferecendo ao consulente as definições lexicográficas parafraseadas e com indicadores específicos às localidades. Há em Ferreira o registro da linguagem popular e o uso adaptado para locuções adverbiais. As explicações lexicográficas em Ferreira foram melhor evidenciadas.

12- RELIGIOSO

60- LIMBO - Há o registro da classe gramatical, do gênero e linguagem especial. A definição lexicográfica é feita por sinônimos, as entradas são parafraseadas oferecendo ao consulente explicações mais claras em ambos os dicionaristas. Ferreira registra também o registro

lingüístico familiar. Fernandes dá o registro lingüístico religioso, a origem e o étimo da palavra.

13- RETÓRICO

61- LITOTES - Em ambos os dicionaristas, há o registro da classe gramatical, do gênero e do registro lingüístico. A definição lexicográfica é feita por paráfrase. Fernandes dá a origem da palavra.

III- Registro das Linguagens Especiais

Fernandes

Ferreira

1- ANATOMIA

62- LACERTO - Há o registro da classe gramatical, seguido do gênero e da linguagem especial. A definição lexicográfica é dada por paráfrase. Fernandes também registra a origem e o étimo do vocábulo. Não há registro do verbete em Ferreira.

2- ARQUITETURA

63- LACUNÁRIO – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero e da linguagem especial em Fernandes. A definição lexicográfica é dada por paráfrase. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo. A definição lexicográfica de ambos os dicionaristas é idêntica.

3- ARTILHARIA

64- LANTERNETA – Ambos os dicionaristas registram a pronúncia do vocábulo, a classe gramatical seguida do gênero e a linguagem especial. A definição lexicográfica é dada por paráfrase, havendo algumas expressões que diferenciam os lexicógrafos.

4- ÁLGEBRA

65- LOGARITMO – Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero. Fernandes acresce a linguagem especial à palavra. Ferreira registra o étimo da palavra-entrada. A definição lexicográfica é por paráfrase e há os mesmos elementos com pequenas alterações de sinônimos. Fernandes registra, no final, a origem e o étimo do vocábulo.

5- BOTÂNICA

66- LEMNÁCEAS – Há o registro da classe gramatical seguida do gênero em Fernandes e Ferreira. Fernandes registra também, o número e a linguagem especial. A definição lexicográfica é estabelecida por paráfrase. Ferreira registra para a definição na entrada um sinônimo seguido da paráfrase. Fernandes registra, somente, o étimo do vocábulo.

6- CIRURGIA

67- LITOCCLASIA – Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero e da linguagem especial. Fernandes registra antes da entrada propriamente dita o étimo do vocábulo. A definição lexicográfica é estabelecida através da paráfrase. Fernandes registra a variação do verbete e também fornece o étimo da palavra.

7- ENTOMOLOGIA

68- LAVA-PÉS – Os dicionaristas, Fernandes e Ferreira, registram a classe gramatical seguido do gênero e do número. A definição lexicográfica é idêntica entre eles e com alteração de alguns vocábulos. Ferreira registra na entrada o brasileirismo. Em Fernandes, há o registro da linguagem especial precedida de classe gramatical, do gênero do número e do nome científico, seguido da definição lexicográfica com alguns exemplos. Ferreira também, faz o registro do nome científico.

8- FÍSICA

69- LENTE – Fernandes registra a classe gramatical, o gênero e a linguagem especial. Dá ainda, a definição lexicográfica por paráfrase e dá a origem e o étimo da palavra. Ferreira registra a classe gramatical, o gênero e a linguagem especial. As entradas são caracterizadas por definições lexicográficas pelas paráfrases seguidas de vários exemplos. Ferreira registra o diminutivo irregular. O verbete em Ferreira é mais claro e, com certeza, elucidará melhor as dúvidas do consulente.

9- FISIOLOGIA

70- LÁGRIMA – Há o registro em Fernandes e Ferreira da classe gramatical e do gênero. A definição lexicográfica é em forma de paráfrase. Em Fernandes, há também o registro da linguagem especial, da origem e do étimo da palavra. Em Ferreira, há exemplos. E, em ambos os dicionários, há o registro do número seguido de sinônimos.

10- GEOLOGIA

71- LITOLOGIA – Há o registro em ambos, Fernandes e Ferreira da classe gramatical, do gênero e da linguagem especial na paráfrase da definição lexicográfica. A entrada de Ferreira é caracterizada por exemplos que oferecem maior compreensão ao consulente. Ambos registram o étimo da palavra precedido em Fernandes, pela origem do vocábulo.

11- GEOMETRIA

72- LEMNISCATA – Fernandes e Ferreira registram a classe gramatical, o gênero e a linguagem especial. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Fernandes registra a origem do vocábulo.

12- GRAMÁTICA

73- LOCUÇÃO – Há o registro em Fernandes e Ferreira da classe gramatical, do gênero e da linguagem especial. As entradas são caracterizadas por paráfrases com alterações de vocábulos, mas com os mesmos sentidos. Ferreira acrescenta outra entrada ao verbete. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

13- ICTIOLOGIA

74- LAMPREIA – Em Fernandes e Ferreira, há o registro da classe gramatical seguido do gênero, da definição lexicográfica por paráfrase e do registro do nome científico. Ferreira caracteriza melhor o verbete.

14- MEDICINA

75- LORDOSE – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero e da linguagem especial. A definição lexicográfica é a mesma, e, por paráfrase, Fernandes acrescenta à definição maiores detalhes. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

15- MINERALOGIA

76- LAZULITA – Os dicionaristas registram: a classe gramatical, o gênero e a linguagem especial. A definição lexicográfica é feita por paráfrase com palavras sinônimos. Ferreira registra o nome comum do mineral.

16- MÚSICA

77- LIRA – Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero. Ferreira registra o étimo da palavra no início do verbete. Fernandes registra a origem e o étimo no final da definição. A definição lexicográfica é dada por paráfrase e é mais explícita em Ferreira. Na subentrada, Fernandes registra a linguagem especial, a qual não é registrada em Ferreira. Ambos registram a linguagem figurada.

Fernandes

Ferreira

17- NÁUTICA

78- LOXODROMIA – Há o registro, em ambos os dicionaristas, da pronúncia, da classe gramatical, do gênero e da linguagem especial. A definição lexicográfica é feita por paráfrase com alteração dos vocábulos, para maior esclarecimento ao consulente. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

18- ORNITOLOGIA

79- LAVADEIRA – Fernandes e Ferreira registram; a classe gramatical e o gênero. A definição lexicográfica é feita por paráfrase. Fernandes registra na entrada, a linguagem especial, seguida do elemento: o mesmo que lavadeira. Registra, ainda, outra linguagem especial e o brasileirismo do nordeste. Ferreira registra o termo V para Lavadeira – ave, e Lavadeira – inseto; registra ainda, na Bahia, a paráfrase-exemplo para caracterizar por meio da entrada o verbete mencionado.

Fernandes

Ferreira

19- PATOLOGIA

80- LEUCORRÉIA – Há em Fernandes o registro da classe gramatical seguido do gênero e da linguagem especial. Ferreira introduz o étimo da palavra seguido da classe gramatical, do gênero e da linguagem especial. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase em ambos os dicionários. Ferreira registra o sinônimo vulgar. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

20- QUÍMICA

81- LEVULOSE – Os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero. A definição lexicográfica é feita por paráfrase e os elementos são bastante semelhantes. Fernandes registra a linguagem especial.

21- ZOOLOGIA

82- LÊMURES – Há o registro da classe gramatical e do gênero em Fernandes e Ferreira. Fernandes registra a linguagem especial. A definição lexicográfica é feita por paráfrase e os elementos são bem semelhantes. Há o registro dos plurais e em Fernandes há o registro da origem do vocábulo.

IV- Registro de brasileirismos

Outro aspecto bastante elucidativo e curioso demonstrado por Fernandes é o número de unidades lexicais encontrado, caracterizando as regiões brasileiras onde são pronunciadas. Há, inclusive, exemplos construídos pelo próprio autor, para que o consulente pela observação, possa dirimir mais rapidamente suas dúvidas a respeito de tais lexias.

No prefácio do seu dicionário, Fernandes nos informa que dividiu o Brasil em seis zonas. Dessas seis zonas ressaltamos alguns brasileirismos específicos que serão comparados ao PDBLP de Ferreira.

Fernandes

Ferreira

1- Brasileirismo

83- LUXARIA – Os dicionaristas registram a classe gramatical, o gênero e o registro lingüístico. A definição é feita por sinônimos. Ferreira registra a variação e formação do vocábulo.

2- Brasileirismo do Norte

84- LIBOMBO – Os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero e o brasileirismo do Norte (em Fernandes), e Pernambuco em Ferreira. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase com alteração de vocábulos acrescidos de alguns elementos. Há, também, o registro da variação do vocábulo em Ferreira.

3- Brasileirismo do Nordeste

85- LAPINHA – Há o registro da classe gramatical, do gênero, do registro de brasileirismo do Nordeste e da definição lexicográfica pela paráfrase. Ferreira registra também o termo: *diminutivo de lapa*.

4- Brasileirismo do sul

86- LINDAÇO – Há o registro em ambos os dicionaristas da classe gramatical, do brasileirismo do Sul – para Fernandes, e do Rio Grande do Sul – para Ferreira. A definição lexicográfica é feita pelo sinônimo.

V- Registro de Grafias Diferentes

87- LAMBRIL – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. Fernandes registra o verbete no singular. Ferreira o registra no plural. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Ferreira acresce termos à paráfrase, para melhor clareza ao consulente. Registra a explicação: *também usada no singular*. Ambos os lexicógrafos registram uma variante ortográfica. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

Fernandes

Ferreira

88- LAVOURA – Há o registro da classe gramatical e do gênero. Em Fernandes e Ferreira a definição lexicográfica é feita pela paráfrase. A entrada em Fernandes será a segunda entrada em Ferreira e a entrada em Ferreira será a segunda entrada em Fernandes. Fernandes registra a origem e o étimo da palavra.

VI- Registro de Palavras no Plural e Plural Irregular

89- LÍGURES – Fernandes registra a classe gramatical, o gênero e o número. Ferreira registra a classe gramatical e dois gêneros. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase em ambos os dicionários. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

90- LÍQUEN – Há o registro da classe gramatical, do gênero em ambos os dicionários. Ferreira precedeu esses registros pelo étimo do vocábulo. A definição lexicográfica é feita pela paráfrase. Há o registro de linguagem especial em Fernandes e Ferreira. Fernandes dá o plural: *líquen*.e registra a origem e o étimo da palavra. Ferreira registra o plural: *líquen* e o plural irregular: *líquenes*.

VII- Registro de Gravuras

91- LEÃO – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. Fernandes registra a linguagem especial. Ambos dão a definição lexicográfica pela paráfrase, registram o nome científico, registram a linguagem figurada. Fernandes complementa a paráfrase com vocábulos sinônimos e registra outra linguagem especial caracterizando-a. Registra também o feminino, a origem, o étimo do vocábulo e a gravura para melhor compreensão do significado.

VIII- Registros de Nomes Científicos

Fernandes teve o cuidado de registrar em seu dicionário de língua os nomes científicos de peixes, aves, animais, plantas, possibilitando aos consulentes maior conhecimento de determinadas linguagens técnicas. Faremos a comparação com Ferreira do verbete escolhido.

92- LEOPARDO – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero em ambos os dicionaristas. Fernandes caracteriza a definição pela paráfrase utilizando o elemento: quadrúpede. Registra ainda o nome científico, a linguagem figurada caracterizando que a nação inglesa tem como símbolo o leopardo. Dá a origem e o étimo da palavra. Ferreira registra a paráfrase, caracterizando o verbete pelo elemento: mamífero. Registra o nome científico e a linguagem figurada.

IX- Registro do Recorte no Mundo pelo Léxico da Língua

Nesse aspecto, constatamos o recorte feito pelo lexicógrafo pela descrição do objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico da língua. Com relação a esse item, a definição do verbete é feita pela utilização de palavras como: objeto, aparelho, instrumento, coisa, planta, inseto, espécie – para palavras concretas e; fenômeno, doutrina, sentimento, ação, estado, qualidade – para palavras abstratas.

93- LUCÍMETRO – Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical seguida do gênero, fazendo a descrição do objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico, pelo elemento: aparelho. Fernandes dá a origem e o étimo do vocábulo.

94- LENTICULAR – Ambos os dicionaristas registram a classe gramatical e os dois gêneros. A definição lexicográfica é feita por paráfrase. Há o registro da linguagem especial. A classe gramatical - substantivo é dada por meio da descrição do objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico, pelo elemento: instrumento. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo.

95- LINGUAFONE – Ferreira introduz o étimo do vocábulo. Ambos os dicionaristas introduzem a classe gramatical do vocábulo, seguida do gênero. Há o registro da descrição do

objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico, pelo elemento: espécie. Há o registro da variação lingüística. A definição é parafrástica.

96-LOGRADOURO – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. A definição lexicográfica é feita por meio da paráfrase e precedida pelo elemento: aquilo em Fernandes, e o que é em Ferreira, recortado no mundo pelo léxico. Fernandes e Ferreira registram a variação lingüística: logradouro.

97-LOSNA – Há o registro em ambos os dicionários da classe gramatical, seguida do gênero. A definição lexicográfica é dada pela paráfrase da maneira como é recortada no mundo pelo léxico da língua, pelo elemento: planta. Ferreira acrescenta à entrada vários exemplos e o registro do nome científico. Fernandes registra a linguagem especial, o nome científico, a origem e o étimo do vocábulo.

98-LÓGICA – Há o registro da classe gramatical seguida do gênero, em ambos os dicionários. Eles fornecem a definição lexicográfica pela paráfrase, com a descrição do objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico, pelos elementos: ciência ou arte para Fernandes e ciência para Ferreira. Há o registro de sinônimos. Fernandes registra a origem e o étimo do vocábulo e Ferreira registra o verbo.

X- Registro de Palavra Polissêmica

Dubois (1971) nos assegura que um dicionário de uso da língua é aquele que nos “apresenta o léxico comum ao conjunto de grupos sociais que constituem a comunidade lingüística” e sob esse ponto de vista, o lexicógrafo utiliza de sua intuição de falante nativo a fim de estabelecer uma hierarquia de significados possibilitando, dessa forma, que palavras polissêmicas tenham sempre na definição de uma entrada seu caráter de uso mais freqüente, seguindo-se depois o de menos freqüente.

99- LAGARTO – Há o registro da classe gramatical seguido do gênero. A definição lexicográfica é feita por meio da paráfrase. Fernandes caracteriza os exemplos, o brasileirismo, a origem e o étimo da palavra. Ferreira os exemplos e o brasileirismo.

XI- Registro de Palavras Homônimas

Fernandes deu a esse item um caráter peculiar pela classe gramatical para reunir ou separar os casos de homonímia. Dessa forma, para a unidade lexical cuja classe gramatical é diferente, o verbete se encontra separado.

Unidade lexical cuja classe gramatical é igual, se encontra num mesmo verbete.

100- LEITEIRO – Há o registro em ambos os dicionários da classe gramatical: adjetivo e substantivo, seguido do gênero. Fernandes registra a definição lexicográfica pela paráfrase e a linguagem especial. Ferreira registra o brasileirismo, o nome científico e exemplos. Os verbetes, em ambos os dicionários, com classe gramatical diferente, encontram-se separados.

CAPÍTULO 5

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de estudo “*Fernandes e Aurélio: um estudo comparativo de duas obras lexicográficas*” se pautou basicamente no conjunto de quatro capítulos.

No primeiro capítulo, tecemos comentários elaborando um esboço através das justificativas que nortearam o nosso estudo, assim como: as hipóteses, os objetivos, o tema, a descrição do *corpus*, a metodologia e a proposta da elaboração e organização do trabalho.

Neste capítulo, definimos o nosso percurso sistematizado na comparação de duas obras lexicográficas, evidenciando o perfil de Francisco Fernandes com o seu DBC e PDBLP, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, pelo estudo comparativo da macro e microestrutura de seus dicionários. Definidas nossas hipóteses, organizamos os nossos objetivos geral e específicos tendo sempre como princípio básico do nosso estudo a comparação dessas obras na tentativa de mostrar o trabalho de Francisco Fernandes na definição dos verbetes constantes em sua obra. Sob essa ótica, não nos afastamos do tema da dissertação como o foco de nossas atividades.

Nesse aspecto, constituímos o nosso *corpus* para a análise fundamentada nos estudiosos que nos serviram de sustentação teórica, primando por características formais semanticamente analisadas. Delineamos nossa metodologia sistematizada no método indutivo com a finalidade de nos oferecer subsídios para o fortalecimento de nossas observações e a maneira como foram comparadas no quarto capítulo.

No segundo capítulo, traçamos ligeiros esboços biográficos dos autores analisados.

No terceiro capítulo, resenhamos alguns estudiosos da área do léxico: Dubois (1971), Rey-Debove (1973), Haensch (1982), Biderman (1984) e Finatto (1993) que se constituem nas pilastras das nossas observações, comparações e análises. Essas resenhas traduzem a contribuição desses lingüistas no aprimoramento do léxico da língua.

No quarto capítulo, apresentamos a análise dos prefácios de ambos os dicionaristas destacados com comentários sinalizados por nós e, posteriormente no *corpus* selecionado, objetivando e categorizando os critérios adotados por Murakawa (1984), relacionados aos pontos de identidade, semelhança e diferença que existem em relação à macro e microestrutura de Fernandes e Ferreira, numa análise objetiva, fundamentada pelas incursões dos trabalhos lingüísticos lexicográficos constantes do capítulo terceiro e que foram importantes para subsidiarem nossas análises. A compreensão do fazer lexicográfico proposta por eles facilitou nossa interpretação dos verbetes constantes do quarto capítulo.

Sob essa perspectiva, comparamos, analisamos e tecemos comentários sobre um e outro com uma ótica voltada para os elementos de que se revestem as obras lexicográficas, mantendo uma postura de neutralidade, salientando alguns aspectos como resultado do estudo.

Como resultado da análise:

a) Verificamos, em ambos os dicionaristas, que todas as lexias observadas nos seus dicionários de língua, o campo gramatical maior foi o dos substantivos, pois é essa classe a que nomeia todas as coisas (74 verbetes).

b) Verificamos que, de todas as lexias analisadas, somente “lacerto” não consta em Ferreira.

c) Com relação à classe gramatical seguida do gênero, ambos os dicionaristas inseriram a categoria caracterizada pelos nomes; ou seja: substantivos, adjetivos e verbos.

d) Com relação à definição lexicográfica propriamente dita, constatamos que o maior número de verbetes incorporados à microestrutura foi relacionado à constituição da paráfrase evidenciando, dessa maneira, o perfil dos dicionaristas na elaboração semântica do significado.

Destacamos, nesse aspecto, e ainda relacionada à paráfrase, a maneira direta, franca e objetiva em oferecer ao consulente uma resposta satisfatória e rápida, com linguagem simples, já que o dicionário é o repositório da língua.

e) Não podemos deixar de destacar a importância também da definição sinonímica recorrente na microestrutura, pois esse recurso atende às expectativas do grande público, principalmente seguido de exemplos. Os estudiosos do assunto fazem questão de esclarecer que esse recurso é bastante utilizado pelos lexicógrafos, de tempos passados até a contemporaneidade.

f) Verificamos também, em ambos os dicionaristas, a utilização de exemplos, criados pelos lexicógrafos, principalmente em Fernandes. Acreditamos que eles foram criados pela facilidade lingüística do lexicógrafo. Os exemplos, normalmente em grandes dicionários, são abonados por escritores que têm muito prestígio literário nos países de língua portuguesa; principalmente, Brasil e Portugal. Essa abonação, normalmente, é seguida de referências bibliográficas que constam do exemplo propriamente dito, do nome do autor, do nome da obra e mesmo da página, edição etc. Evidenciamos apenas parte da referência bibliográfica em Ferreira, no verbete LOVELACE.

g) Alguns termos se fazem presentes no *corpus* escolhido por nós, e queremos evidenciar que são vocábulos simples, conhecidos de todo o público falante da língua e mesmo àqueles registrados de brasileirismos de algumas regiões distintas brasileiras. São de fácil entendimento e aceitação.

h) Encontramos em Fernandes, na grande maioria dos verbetes elencados por nós, o registro da origem e do étimo dos vocábulos. Em alguns verbetes, Ferreira caracterizou apenas a origem e em pouquíssimos verbetes ele evidenciou o étimo do vocábulo.

i) Quanto às línguas de especialidades, verificamos em ambos os dicionaristas, sempre que necessário, a importância da informação para o consulente, dessa maneira, possibilitando a facilidade na compreensão do verbete.

j) Os dicionaristas sabem das dificuldades do público em falar corretamente determinados vocábulos. Há, assim, em verbetes específicos, o registro da pronúncia da palavra.

Acreditamos que esse estudo foi profícuo no intuito de entendermos o perfil do dicionarista evidenciado, compreendermos sua capacidade intelectual e criativa e percebermos a acuidade que permeiam as atividades lexicográficas de Fernandes pela nomenclatura selecionada e pelas análises efetivadas.

Sistematizadas por essas análises e comparadas ao universo macro e microestrutural das duas obras, há que se ressaltar o trabalho de Fernandes, sobretudo porque se ateve, de maneira precisa, ao fazer lexicográfico. Sem desmerecer a obra de Ferreira, relevamos o trabalho de Francisco Fernandes pelo conteúdo da macro e micro estrutura encontradas no seu dicionário e queremos crer que essa obra, o DBC, mereça um lugar de destaque nos estudos lexicográficos brasileiros, possibilitando dessa maneira, resgatar a imagem de Francisco Fernandes no meio dicionarístico nacional.

Esperamos com esta pesquisa, oferecer contribuições importantes para todas as pessoas que trabalham com o léxico e que possibilite o nascimento de novos projetos na construção do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. *Dicionários, parentes e aderentes*. João Pessoa: Nova Stella, 1988.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958, 4.439 p.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-científica*. Brasília: IBICT, 1990.

BARBOSA, M. A. Dicionário de língua, vocabulário Técnico-científico, glossários, estatuto semântico-sintático das unidades-padrão. In: *Estudos Lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL*. São Paulo, 1994.

BIDERMAN, M. T. C. *A ciência da lexicografia*. *Alfa*, 28 (supl.): 1-26. São Paulo, 1984, 26 p.

_____. *O Dicionário Padrão da Língua*. *Alfa*, 28 (supl.): 27-43. São Paulo, 1984, 17 p.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As Ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

_____. *Dicionário contemporâneo do português*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Dicionário didático de português*. São Paulo: Ática, 1998.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/Edusp, 1978, 85 p.

DUBOIS, Jean et Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire, langage*. Paris: Librairie Larousse, 1971, 217 p.

- DUBOIS**, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1997, 653 p.
- FERNANDES**, Francisco. *Dicionário brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Globo, 1953, 1143 p.
- _____. *Dicionário de sinônimos e antônimos*. Porto Alegre: Globo, 1967, 823 p.
- _____. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. Rio de Janeiro: Globo, 1982, 384 p.
- _____. *Dicionário de verbos e regimes*. São Paulo: Globo, 1982, 606 p.
- FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1956, 1316 p.
- _____. *Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. (versão eletrônica) 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FINATTO**, M. J. B. *Da lexicografia brasileira: tipologia microestrutural de verbetes substantivos. 1813-1991*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1993, 333 p.
- HAENSCH**, G. et al. *La Lexicografía De la Lingüística Teórica: A La Lexicografía Prática*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1982, 563 p.
- HOUAISS**, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. (versão eletrônica). 1ª ed., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- LUFT**, Celso Pedro. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1984.
- MACEDO**, Gilberto de. *Vida e obra de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*. (Monografias, 22). Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *O Primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Morais Silva. Estudo Crítico da Edição de 1813*. Dissertação de Mestrado). Araraquara, UNESP, 1984, 214 p.

PIDAL, M. *Estudios de Lingüística*. Espasa, Calpe, 1941.

POTTIER, B. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REY-DEBOVE, Josette. Lexique et dictionnaire. In: *Le Langage: Les dictionnaires du savoir moderne d'Étude et de Promotion de la Lecture*, 1973. p. 82-108.

_____. *Le domaine du dictionnaire*. *Langages*. (19): 3-34 spt, 1970, 119 p.

_____. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris, The Hague, 1971, 329 p.

_____. *Léxico e Dicionário*. *Alfa*, São Paulo, v. 28, 1984, p. 45-69.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos*. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2004, 158 p.

INDÍCE REMISSIVO - ANEXO

LEXIAS

	Pág.
1- Latitudinário	60
2- Latitude	61
3- Levar	61
4- Lata	62
5- Limpar	62
6- Largo	63
7- Livrar	63
8- Levantar	64
9- Ladino	64
10- Lástima	65
11- Luta	65
12- Lanço	66
13- Lapão	66
14- Latim	66
15- Lígio	67
16- Lanterna	68
17- Largar	68
18- Licenciar	69
19- Licenciatura	69
20- Letra	70
21- Lúnula	71
22- Lacre	71
23- Lupo	71
24- Latinidade	72

25- Latinório	72
26- Liberdade	73
27- Leviano	73
28- Livre	74
29- Lixo	74
30- Lepra	75
31- Lenhoso	75
32- Lutador	76
33- Lutar	76
34- Levirato	77
35- Ligamentoso	77
36- Ligar	77
37- Licenciado	78
38- Lacete	78
39- Lansquenê	79
40- Laca	80
41- Lentejoula	80
42- Lupa	81
43- Litógrafo	81
44- Líder	81
45- Lasanha	82
46- Lustrar	82
47- Louro	83
48- Lama	83
49- Lemnisco	84
50- Livrório	84
51- Levamento	84

52- Lenha	84
53- Lambujem	85
54- Lovelace	85
55- Lavagem	86
56- Levita	86
57- Litisconsorte	86
58- Luminar	86
59- Ligeira	87
60- Limbo	87
61- Litotes	88
62- Lacerto	88
63- Lacunário	88
64- Lanterneta	89
65- Logaritmo	89
66- Lemnáceas	89
67- Litoclasia	90
68- Lava-pés	90
69- Lente	91
70- Lágrima	91
71- Litologia	92
72- Lemniscata	92
73- Locução	92
74- Lampreia	93
75- Lordose	93
76- Lazulita	93
77- Lira	94
78- Loxodromia	94

79- Lavadeira	94
80- Leucorréia	95
81- Levulose	95
82- Lêmures	96
83- Luxaria	96
84- Libombo	97
85- Lapinha	97
86- Lindaço	97
87- Lambril	98
88- Lavoura	98
89- Lígures	98
90- Líquen	99
91- Leão	99
92- Leopardo	100
93- Lucímetro	101
94- Lenticular	101
95- Linguafone	101
96- Logradouro	102
97- Losna	102
98- Lógica	102
99- Lagarto	103
100- Leiteiro	103
101- Lâmina	103

